



TAKEN FOR
THE
ALIEN
PRINCE

DAVID L. SCOTT





Exclusive
Book's

Staff

Disponibilização: Andreia M.

Tradutora: Thathiane

Revisora: Thathiane & Andreia M.

Leitura Final: Leitora Goreth

Formatação: Andreia M.

Taken for the **ALIEN PRINCE**

Ruth Anne Scott

Sinopse

Quando Layla acorda amarrada a uma laje de pedra e observando um por do sol que não deveria existir, tudo o que ela se lembra é estar correndo. Ela não pode recordar nada além do chão frio em seus pés e o puro terror de ser capturada e trazida para onde quer que esteja. Somente a breve aparência de um belo homem ao seu lado a conforta, mas ele logo desaparece e ela se encontra entregue a um grupo de mulheres estranhas que lhe dizem que ela foi escolhida pelo príncipe mais novo de um planeta que ela nunca soube que existia. Ela deve se tornar sua nutridora, uma mulher escravizada e esperada para atender todos os seus caprichos.

Será que o que espera por ela em seu papel como uma nutridor, valerá todas as memórias que desapareceram de sua mente? Ou ela terá a chance de escapar e retornar ao mundo que ela não lembra?

Capítulo Um

Não havia nada além do ar em seus pulmões e os golpes de seus pés contra o solo. Layla não sabia de nada mais. Ela só lembrava de fugir.

Ela estava descalça, e o chão sob os seus pés estava frio e úmido, enviando arrepios através do seu corpo, ela continuou com a própria força, indo para frente. Galhos e pedras estavam presos na solas de seus pés e escovando debaixo de seu rosto, agarrando o emaranhado de fios do seu cabelo, como se tentasse pará-la, mas ela não o fez.

Ao seu redor tudo era nebuloso. A cor parecia ter sido levada fora do mundo e deixou atrás de si, somente tons de marrom, ferrugem e cinza, criando sombras, que pareciam afundar no esquecimento. Layla sentiu como se estivesse atravessando a água, movendo-se lentamente, não importava o quão difícil ela lutasse para ir mais rápido, e não ouvindo nada, como se estivesse com o ouvido surdo, e com uma pressão dolorida.

O ar gelado bateu em seu rosto, e sentiu os primeiros pingos de chuva, cortar sua pele. Ela não podia deixar isso pará-la, e sabia que mesmo com uma chuva mais intensa não podia se distrair, porque não conhecia o caminho que seguia.

Ela não sabia para onde estava indo, ou como havia chegado lá, e quando ela correu, as árvores pareciam borrar e se misturar, tornando impossível para ela se orientar. Enquanto atravessava a chuva, lutou para lembrar como ela chegou a esse lugar ou por que estava correndo.

Não importava o quanto ela pensasse, porém, ela não conseguia vasculhar essas lembranças. Era como se tudo o que tinha feito antes que seus pés comessem a correr, desaparecesse, e sua mente sabia, que era o tempo que ela passara fugindo pelo mundo úmido e silencioso.

Poderia ser uma questão de minutos ou poderia ter sido horas. Não havia nada para lhe dizer quanto tempo ela estava correndo, ou até onde tinha ido.



Layla sabia que eles estavam vindo atrás dela, embora ela não soubesse o que eram ou porque a perseguiam. Ela podia sentir seus passos pesados, mesmo no ar espesso, sentir sua presença se aproximando.

Eles pareciam estar em todos os lugares, embora não pudesse vê-los enquanto corria. O sentimento opressivo deles estava ficando mais intenso, mas ela tinha que continuar correndo. Ela não sabia para onde estava correndo, mas seus pés não parariam. Sua mente e seu medo não a deixavam.

Ela se empurrou mais forte, e sentiu a energia iminente dos passos perseguindo-a, diminuir. Por um momento, ela pensou que poderia estar fugindo, colocando distância suficiente entre ela e o que quer que estivesse perseguindo-a, para evitar que a pegassem.

Ela poderia ter a chance de sair da floresta e encontrar seu caminho de volta para casa, só que não conseguia se lembrar, qual era a casa ou onde ela poderia encontrá-la. Tudo o que ela podia fazer era correr.

Uma respiração fria e aguda invadiu seus pulmões quando ela virou em uma enorme árvore. A pressão dura e sufocante de uma mão em seu pescoço cortou a sua respiração, e sentiu que o chão debaixo de seus pés desapareceu quando a mão a levantou.

Ela ainda não podia ver nada ao redor dela, mesmo que a criatura agora a abraçasse. Houve um momento de terror e, em seguida, o mundo ao redor dela virou-se para riscas de preto e cinza. Então, não havia nada.

Os pés de Jiri bateram no chão, afundando-se na terra úmida e no tapete de vegetação subaquática que parecia se aproximar e agarrá-lo, enquanto ele se

movia através dele, não querendo que ele avançasse, de alguma forma sabendo o que estava pensando, e as intenções que ele tinha.

Ele olhou para baixo, certificando-se de que estava realmente se movendo. Mesmo que pudesse sentir cada passo apertando os músculos em suas pernas, e os ramos das árvores de cada lado dele, escovando sua pele e cabelo enquanto passava, ele sentiu-se como se não estivesse se afastando mais.

As plantas verdes exuberantes que cresciam pelo chão da floresta, escorriam debaixo dele como uma fita, desaparecendo atrás dele, como se estivesse empurrando o mundo com seus pés, enquanto ele corria, colocando-o atrás de si enquanto mantinha seu corpo se movendo o mais rápido que podia.

Provou-se que ele estava, de fato, avançando, mas ele ainda se sentiu como se estivesse preso no lugar, seguro onde ele estava, então, ele foi forçado a experimentar o que não queria, o que desejava era que pudesse mudar.

Ele ainda podia ouvir seus irmãos a distância. O riso deles, e as batidas de seus passos, reverberaram por ele e ricochetearam as árvores ao seu redor, até parecer que estavam pressionando-o de todos os lados, esmagando-o dolorosamente. Através dele, ele de repente ouviu um grito.

Por alguns segundos, Jiri não sabia se os gritos estavam realmente acontecendo, ou se os sons horríveis que estavam cortando seu coração, eram apenas as construções brutais de sua mente, ou memórias de anos antes, retornando neste momento para atormentá-lo.

Ele tentou correr com mais força, precisando chegar até eles, precisando detê-los.

Cada vez que ele piscava, mesmo durante os breves momentos em que seus olhos estavam fechados, ele sabia o que estava acontecendo.

Ele não queria que nada acontecesse. Ele desejou que tivesse conseguido detê-los, que suas súplicas não caíssem em ouvidos sem carinho.

Mas não havia nada que pudesse ser feito. Mesmo quando o horror o atravessou, ele sentia uma ira amarga se ferver logo abaixo da superfície.

Jiri se forçou a se concentrar nesse sentimento.

Ele preferia a mais escura e dura emoção de fúria, ao sentimento de desequilíbrio e desamparo que sentia, desde que seus irmãos deixaram o palácio naquela tarde. Ele não podia acreditar no que sua família estava fazendo com ele.

Embora sempre soubesse que eram viciosos, cruéis e vingativos, esperava que fossem diferentes para ele.

Ele esperava que o tivessem ouvido e não fossem completamente contra tudo o que sentia, pensava e acreditava.

O dia começou tão simples, tão facilmente.

Realmente não havia nada de extraordinário, quando acordou em sua câmara e desceu para tomar café da manhã com seus irmãos e seus pais. Logo, porém, eles começaram a falar sobre sua vinda de idade.

Apenas o pensamento foi suficiente para fazer o estômago de Jiri virar. Assim que o seu irmão mais velho o mencionou, ele sabia que não iria respeitar seus desejos.

Ele não tinha escolha. Eles iriam forçá-lo a passar pelos rituais que as tradições de seu planeta e sua estação ditavam para ele.

Eles haviam tentado dizer a Jiri que o que ele queria não era real, que ele precisava confiar nos caminhos de seu povo e saber que, uma vez que ele havia tomado seu lugar e experimentado o que era viver como os outros homens em sua família, ele não entenderia apenas a necessidade, mas o luxo dela.

Jiri nunca tinha sido convencido. Ele não acreditou em nada que seus irmãos diziam e sabia que nunca acreditaria.

Ele odiava o que faziam, especialmente esse ritual. Ele não entendeu por que eles tinham que manter as horríveis práticas arcaicas de seus antepassados, quando não havia benefícios, e havia muitas outras maneiras de viver suas vidas.

Foram esses pensamentos, essa resistência, que o trouxeram aqui, atravessando a floresta, sabendo que ele não conseguiria parar o que estava acontecendo, mas esperando que pudesse facilitar.

Após o café da manhã, eles começaram seu dia e seu irmão pediu que ele caminhasse com ele.

Era um pedido estranho, que ele não teria pensado duas vezes quando eram mais jovens, mas isso o impressionou, como bizarro agora era, após anos de sua relação com seus irmãos degradando-se, até a frieza.

Apesar de sua hesitação, ele havia andado. Ele e Prez haviam atravessado a manhã de primavera, brincando de um lado para o outro, como eles faziam quando eram mais jovens, e as pressões da idade adulta não os separavam.

Jiri até mesmo riu das provocações de seu irmão, disposto a acompanhar isso, desde que fosse apenas piadas, quase como se fosse mais que ele, mais que Prez aceitaria a tentativa de substituir o próprio ritual.

Então eles entraram na clareira. Em um instante, as verdadeiras intenções de seu irmão foram reveladas e não havia nada que Jiri pudesse fazer.

Ele viu a mulher de pé no centro da clareira, olhando em volta confusa.

Nesse instante, ele estava observando tudo o que ela já conhecia, afastando-se dela, substituída por essa nova realidade que seria tudo o que ela sabia ou entendia.

Ele podia ver o cintilar das sombras ao redor do limite da clareira e sabia que seus outros irmãos e alguns dos criados do palácio estavam se acumulando atrás das árvores, prontos para o ataque.

Jiri sentiu as mãos agarrarem seus braços, puxando-o para trás para que ele não pudesse se aproximar dela. Não havia esperança, nenhuma chance, mas ele tinha que tentar.

Corre.

Sua voz atravessou o silêncio da clareira, parecendo quebrar a perplexidade que a abraçava.

Corre.

A mulher delicada, tão linda e tão familiar, correu de onde ela estava, desaparecendo nas espessas árvores que levavam para o desembarque e para a borda do lago.

Jiri sentiu as mãos ao redor de seus braços empurrá-lo para o chão e depois desaparecer, quando os irmãos que o abraçaram, começaram a correr atrás dela.

Corre.

Ao redor dele, a atmosfera estava zumbindo em seus ouvidos, e seu coração batia com medo. Ele escolheu isso.

Ele tinha feito isso feliz. Ele tomou o controle de seu corpo, e subiu aos pés, finalmente puxando sua mente para fora da situação o suficiente para correr.

Capítulo Dois

O que poderia ter sido horas ou dias depois, Layla percebeu novamente, se passou. Não veio a ela de uma só vez, mas gradualmente, como se as ondas estivessem lavando sobre ela e trazendo sua nova vigília enquanto se deslizavam.

Ela manteve os olhos fechados quando a consciência, aumentou lentamente através de seu corpo e ela sentiu que cada parte dela estava acordada e presente novamente. Seus músculos doíam com o tipo de profundidade que veio do esgotamento intenso e longa exposição ao frio.

Foi a afição dolorosa e nervosa, que a deixou com medo de se mover por medo da maior intensidade, e ainda assim, desesperada para se levantar e usar seu corpo para liberar a tensão. O ar a sua volta, no entanto, sentia-se quente e úmido, criando uma sensação úmida e pegajosa na pele.

Layla estava deitada de costas e podia sentir algo duro debaixo dela como uma laje de pedra.

Uma sensação de formigamento fluía através de seu corpo e ela tentou mover os braços, apenas para descobrir que eles estavam amarrados a pedra debaixo dela com um comprimento grosso de corda.

Ela tentou mover as pernas, mas também estavam presas a pedra debaixo dela. A textura áspera da corda era irritante contra a pele de seus pulsos, mas não havia dor aguda que pudesse indicar que ela já se esforçara contra as cordas e cortara sua pele.

Isso significava que ela tinha sido incapacitada, quando ela foi colocada na laje e permaneceu assim até agora.

Layla manteve os olhos fechados, aterrorizada com o que ela poderia ver se os abrisse, e tentou novamente lembrar o que aconteceu antes de atravessar a floresta.

Assim como aconteceu enquanto ela estava atravessando as árvores, não importava o quanto ela pensasse, Layla não conseguia fazer nada além de correr. Não havia nada antes e nada para inspirá-la a correr.

Seus pés ainda se sentiam gelados e sujos do chão da floresta, mas ela não tinha a menor sensação de quanto tempo havia passado, já que qualquer coisa a tinha agarrado e a levado.

Ela sabia que não havia mais nada a fazer. Ficar com os olhos fechados não a protegeria de nada que estivesse acontecendo ao redor dela.

Se seu encontro com a força invisível, que a levantara do chão, provou alguma coisa para ela, foi que não poder ver algo, não tornava essa força menos perigosa.

Dando um longo suspiro, Layla deixou seus olhos lentamente se abrir. Ela levantou a cabeça antes de abrir os olhos, querendo ver o que estava ao seu redor.

Quando suas pálpebras se abriram, a primeira coisa que viu foi o horizonte, além do que parecia um arco de pedra curvo. Ele brilhava com uma sombra vibrante de verde, e o o que parecia um sol profundamente roxo derretido estava fora de vista.

Ela olhou acima dela e viu um teto cinza baixo, como se estivesse em uma pequena sala. A confusão juntou-se ao medo que a atravessou, enquanto tentava processar o que poderia estar acontecendo com ela e onde poderia estar.

Mesmo que ela não se lembrasse de nada que acontecesse antes de atravessar as árvores, nada ao redor dela parecia familiar e ela tinha o profundo, ranger em sua barriga, que ela nunca tinha estado neste lugar antes.

De repente, ela estava ciente de uma presença no espaço com ela. Ela podia sentir alguém perto, mas não podia virar a cabeça o suficiente para olhar. Ela queria falar, mas não conseguiu trazer nenhum som.

O sentimento da presença mudou e ela sentiu alguém caminhando por trás da cabeça para fazer uma pausa a seu lado.

Layla sentiu seu corpo começar a tremer de medo. Ela não sabia quem poderia ser isso, e a vulnerabilidade de estar presa naquele lugar a deixava aterrorizada com o que poderia estar observando-a.

Assim como ela sabia que, mantendo os olhos fechados, não a protegeria de sua realidade, sabia que a única maneira que ela poderia ter alguma aparência de controle seria enfrentar o que estava ao seu lado.

Layla ergueu os olhos para olhar para o ser, e sentiu a respiração prender na garganta. O homem de pé ao lado dela era surpreendentemente belo e sentiu-se tão atraída por ele, que brevemente esqueceu seu medo.

Ele olhou para ela com os olhos cor de mel.

A cintilação de uma tocha acima de sua cabeça e o brilho do sol afundando mostravam raios brilhantes e claros através da cor cintilante e derretida.

O homem olhou para ela e passou as costas de seus dedos pela bochecha. Não havia nada assustador ou intimidante sobre o toque, e ela teve a sensação de que ele não era o responsável por ela estar amarrada a laje de pedra.

Não sabia o que a atraía, Layla inclinou o rosto ligeiramente no toque para sentir mais o calor da pele dele.

Ela começou a abrir a boca para falar, mas o homem sacudiu a cabeça, trazendo um dedo nos lábios para tranquilizá-la. Sem dizer uma palavra, ele se afastou do lado da laje e desapareceu em volta de sua cabeça.

Um segundo depois, a sensação de sua presença no espaço com ela desapareceu. Ela levantou a cabeça e viu que o sol estava quase baixo. Estendendo-se para ver o máximo possível, ela observou como o roxo se dissolveu no verde vibrante, misturando-se a uma única linha de cor, antes que o céu escurecesse.

Assim quando o pôr-do-sol desapareceu, ela ouviu passos aproximando-se. Sentiu seu coração levantar ligeiramente, enquanto esperava que fosse o mesmo homem que ela tinha visto ao lado dela.

Enquanto os passos se aproximavam, o sentimento de sua presença parecia diferente. Era como o opressivo e terrível sentimento que a rodeava enquanto atravessava o bosque e imediatamente sentiu-se tensa.

Quatro homens apareceram de cada lado dela e seu corpo tremia com tanta intensidade que sentiu as cordas queimando seus pulsos e cortando seus tornozelos.

Nenhum dos homens falou, mas no mesmo instante eles se abaixaram e ela se sentiu levantar-se no ar enquanto levavam a laje de pedra debaixo dela e começaram a levá-la para fora da sala e na escuridão da noite além.

Capítulo Três

Jiri puxou suas vestes para que seus pés não se enroscassem enquanto ele subia o caminho para o palácio. O sentimento da pele da mulher ainda se sentia na ponta dos dedos, e ele sentiu uma resolução ainda maior.

Ele abriu a porta maciça e subiu as escadas de pedra, em direção ao compartimento privado de seu pai.

O palácio ao redor dele estava estranhamente silencioso, o que lhe dizia que todos haviam obedientemente ido para dentro do templo, no topo da colina, prontos para participar do ritual antigo e reverenciado, que veio com a sua idade.

Esta era uma noite que todos haviam, ansiosamente, antecipado por muitos anos, de fato, desde o momento do nascimento, mas tudo o que ele poderia pensar era acabar com isso antes mesmo de começar.

Chegando a porta da guarida do pai fez uma pausa. Embora ele desejasse explodir e não perder um único segundo que pudesse ser precioso, tanto para a bela mulher que se encontrava vulnerável na caverna quanto para ele, não podia.

A tradição e a propriedade, ditaram que ele esperasse e batesse na porta, anunciando-se para que ele pudesse obter permissão para entrar. Ele bateu na porta no ritmo esperado e ficou aguardando. Jiri podia sentir os segundos passarem por ele, e a ansiedade dentro dele aumentou em espiral. Finalmente, ele ouviu a voz de seu pai.

- Sim?

Ele falou lentamente, sem urgência ou motivação.

- Pai, é Jiri. Posso falar com você?

- Sim, Jiri. Você pode entrar.

Jiri abriu a porta e entrou no quarto escuro. Estava cheio de grandes e pesados móveis, feitos de madeira e pedra escuras, e um fogo queimava em uma parede distante, enchendo o espaço com o cheiro de incenso e fumaça.

O Rei sentava-se em sua enorme cadeira preta olhando para as chamas dançantes. Suas costas estavam viradas para Jiri, e ele não se moveu para olhar seu filho, quando este entrou.

- Pai, eu preciso falar com você sobre esta noite.

- Você realmente deveria estar se preparando, não deveria? - Ele perguntou. - O ritual começará em breve.

- É disso que eu queria falar com você, pai. Eu quero fazer outro pedido, para que você me liberte e me permita renunciar a esse ritual.

- É tradição, Jiri. - disse ele. - Você já envelheceu, e é hora de você tomar seu lugar como Príncipe.

- Eu entendo isso, pai, mas não entendo por que se exige isso. Não posso liderar sem isso?

Finalmente, o rei virou-se para Jiri. Seu rosto não registrou nenhuma emoção, e Jiri sabia que suas palavras não estavam chegando a seu pai.

- Como você pode dizer que não quer um nutridor? - Ele perguntou. - Você nunca experimentou ter um. É o caminho da realeza, Jiri. Os homens têm necessidades que devem ser cumpridas, e essas são cumpridas pelo seu nutridor.

- Mas deve ser assim?

- Não existe outra maneira, Jiri. É assim que sempre foi, e da maneira que sempre será. Você vai aprender. Verá. Uma vez que você tenha sofrido o ritual,

você entenderá que é assim que deve ser. Você não pode pensar nela como qualquer coisa, exceto seu nutridor. Lembre-se, ela não sabe nada e não saberá nada. Você não está fazendo nada de errado.

Jiri obteve alguns passos. Ele odiava as palavras que estavam saindo da boca de seu pai, e agora ele sabia que não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer. Não havia mais chance, nem mais esperança. Não restava mais que percorrer o que se esperava dele.

Layla observou, enquanto o céu passava por cima da sua cabeça, parecendo desdobrá-lo como um rolo de veludo, enquanto os homens a levavam pelo ar noturno para um destino desconhecido, que não sabia qual.

Ela não fechava os olhos. Havia um medo dentro dela, que lhe dizia que estes poderiam ser os últimos momentos, que ela alguma vez viveria, e se recusou a não se deixar experimentar cada um desses momentos, por tudo o que eles poderiam segurar para ela.

Ela queria ver o céu pelo tempo que pudesse, para ver a beleza nele e encontrar algo que a tranquilizasse.

Os homens a levantaram acima de suas cabeças, como se ela não pesasse nada, apesar do enorme pedaço de pedra, a carregavam suavemente quase como se estivesse flutuando no ar.

Agora que ela estava fora do quarto pequeno e apertado com as tochas, o ar se fazia mais frio e ela respirou fundo esperando pela calma.

Ela precisava juntar a cabeça, colocar-se de volta ao controle de tudo o que estava acontecendo. Ela não podia simplesmente desistir.

Ela não podia apenas oferecer-se a esses homens e a tudo o que tinham planejado para ela. Sua vida, sua existência, mesmo que não se lembrasse de nada além de atravessar a floresta, valia mais do que isso.

Isso significava que ela precisava limpar sua mente, e estar ciente de cada coisa pequena que estava acontecendo ao seu redor para que ela pudesse usá-la de qualquer maneira possível.

Se ela tivesse alguma chance de escapar, a única maneira de fazê-lo acontecer seria manter a calma e pensar com clareza.

Mais uma vez, Layla procurou sua mente por qualquer coisa que a ajudasse, qualquer coisa que lhe dissesse como poderia ter chegado a este lugar, presa a mercê desses homens.

Então ela forçou sua mente a se afastar daquilo, para que pudesse se concentrar melhor no que poderia acontecer, se pudesse se afastar deles.

Ela tentou imaginar como poderia se afastar desses homens e para onde iria, se ela fizesse. Tudo o que veio a mente, no entanto, foi a repetição em câmera lenta, que atravessava os bosques através de um mundo colorido, que parecia mais e mais distante com cada passo que os homens tomaram.

Não havia lembrança de nada, além do bosque, nada para lhe dar uma ideia de onde ela iria encontrar segurança, segurança e conforto, além do

controle. Ela sabia que se tivesse a oportunidade de escapar, seria cega e desamparada, e ela teria que decidir o que fazer no momento.

De repente, Layla sentiu a inclinação da pedra e ela parecia aumentar. O céu acima dela, inclinado e a frente conseguiu, ver a pista do horizonte mais escuro a distância.

Ela percebeu que os homens estavam subindo uma série de degraus e quando ela virou a cabeça o mais longe possível, ela pôde ver que eles estavam se movendo para um antigo edifício de pedra.

O salão para o qual a carregavam, estava alinhado com tochas contidas em brilhantes gaiolas de metal e apresentava espessas tapeçarias em tons de verde e preto. Ela olhou para as tapeçarias, tentando descobrir o que elas retratavam, com a esperança de que pudessem dar-lhe algumas informações, que poderiam dizer a ela, onde estava ou quem a levara cativa.

Enquanto eles passaram, Layla rapidamente percebeu que não conseguia pegar os detalhes suficientes para dizer o que continham, e quando chegaram ao final do corredor, ela desistiu de tentar decifrá-los, e abaixou a cabeça para trás e para baixo, na laje de pedra, para aliviar a tensão e a dor formando na parte de trás do pescoço, de tentar segurar a cabeça para cima, enquanto não podia mover os braços ou as pernas.

O som de uma abertura de porta pesada, encheu seus ouvidos, e ela observou como um enorme batente de porta passou por cima. Ela odiava a sensação de se mover para trás, sem saber o que estava se aproximando, até que ela passou.

Seus captores haviam levado ela para uma sala esparramada, tão vibrantemente e brilhante, depois da luz apagada do corredor, que lhe doera os olhos. Layla fechou-os, apertando-os tão forte quanto pôde, até que o queimou parou e ela não viu as pinhas da cor dançando nas costas de suas pálpebras.

Era outra injustiça, roubando momentos dela e colocando-a, ainda mais a mercê daqueles a sua volta.

Quando os abriu novamente, percebeu que a sala não era brilhante simplesmente porque havia mais luz do que no corredor ou na pequena sala onde ela havia acordado.

Em vez disso, parecia intensamente brilhante, porque estava completamente alinhada com espelhos que levavam a luz e a jogavam de volta, amplificando-a enquanto inchava dentro do espaço.

Agora que seus olhos se acostumaram com a luz refratada, Layla conseguiu olhar para cima e ver que o teto refletia o chão e as paredes, criando uma série de reflexões intermináveis que estava vertiginosa em sua profundidade.

Pelo reflexo acima dela, ela podia ver que os homens que a carregavam estavam todos vestidos de forma idêntica em capas verdes com capuz, quase a cor do pôr-do-sol, que tinha visto quando acordou.

As luvas pretas cobriam suas mãos e os capuzes escondiam seus rostos, para que ela nem fosse capaz de determinar suas idades. Ela só assumiu que eram homens por causa de seu tamanho e força.

Qualquer um deles estava ladeado de pessoas, fileiras de figuras bem vestidas, que permaneciam absolutamente imóveis, observando enquanto os homens a levavam ao longo do corredor que criaram.

Eles subiram a outro pequeno conjunto de escadas e no reflexo acima, Layla podia ver uma mesa elevada que parecia quase um altar no centro da plataforma, onde agora estavam.

Ela sentiu os homens abaixarem a laje de pedra para a mesa e ela virou a cabeça para ver os homens afastando-se dela. Um momento depois sentiu a presença da caverna fluir nela novamente

Capítulo Quatro

O estômago de Jiri estava em nós quando ele se aproximou do lado da laje de pedra novamente e olhou para Layla. Tão delicada e bonita, parecia desamparada e assustada, amarrada a pedra, ele queria arrancar as cordas dos pulsos e dos tornozelos.

Ela se virou para olhar para ele e viu o olhar no seu rosto suavizar ligeiramente. Ele lembrou-se da maneira que ela tinha se transformado em seu toque na caverna e se perguntou o que a levou a fazer isso.

Ele não sabia por que ele sentiu a compulsão de tocá-la desse jeito, mas era ainda mais estranho que ela parecia ter aceitado o toque. Esta não era a forma como o ritual deveria começar.

Ele havia testemunhado, quando cada um de seus irmãos passaram por esse processo e sabia que nenhum deles sentia qualquer tipo de ternura em relação as mulheres que eles escolheram para serem suas nutridoras.

Esse não era o propósito delas. Eles escolhiam as mulheres com base em seus próprios gostos pessoais, com pensamentos apenas sobre si mesmos, e sobre o que essas mulheres poderiam fazer por eles. Não houve consideração para com as mulheres ou o que elas podem sentir ou experimentar.

Não havia expectativa para nada mais, do que o nutridor cumprindo todo capricho de seu príncipe. Nenhuma expectativa para ela ser a única.

Quando Jiri olhou para Layla, esse nome ainda estranho na língua, mesmo depois de ter aprendido, enquanto a observava na Terra antes de escolhê-la formalmente, não podia deixar de pensar em todas as outras mulheres que ele vira deitada ali, enquanto aguardavam o ritual que as transferiria oficialmente para a propriedade e o controle do príncipe que as escolheu.

Ele sabia que se ele fosse encontrar as nutridoras de seus irmãos, ele não veria nenhum desses rostos. Elas foram há muito tempo, substituídas, as mulheres originais nunca mais se viram. Isso nunca foi visto com qualquer suspeita ou mau pensamentos.

Em vez disso, foi considerado simplesmente parte do papel do príncipe. Eles gostavam desta vida até que um deles fosse selecionado como Rei.

Então eles teriam a expectativa de se casar e criar a próxima geração de príncipes. Nunca houve uma filha real, nunca uma princesa, e não precisa ter qualquer tipo de precedente sobre como ela se comportaria.

Seu pai caminhou ao lado dele, e Jiri viu os olhos de Layla nublarem. O rei levantou as mãos na direção da multidão que se reuniu para testemunhar o ritual.

- Estamos aqui esta noite para comemorar a maioridade do meu filho mais novo. Jiri escolheu o seu nutridor e testemunharemos como ele a reivindica, transferindo-a permanentemente para uma vida de serviço. A partir desta noite, Jiri tem toda a responsabilidade da sua estação e será dever desta mulher garantir que ele possa cumprir essas responsabilidades. Jiri?

Seu nome carregava um tom de expectativa, e Jiri sabia que chegou o momento. Ele olhou para Layla e um pensamento passou por sua mente. Ele alcançou o bolso para a pedra que estava pendurada, pesadamente durante todo o dia.

Seus dedos enrolados em volta, mas quando ele tirou do bolso, ele a deixou cair no chão.

Houve um leve suspiro na multidão, mas rapidamente silenciou. Qualquer indicação de desrespeito ou questionamento de qualquer membro da família real, nunca seria aceitável, e todos no planeta temiam como o Rei ou seus filhos reagiriam.

Inclinando-se para pegar a pedra, Jiri colocou a boca perto da orelha de Layla.

- Apenas relaxe. - ele sussurrou. - Só vai doer por um momento. Eu só farei o que devo. - Ele podia sentir seu corpo tenso. -Relaxe. - ele sussurrou novamente. - Será mais fácil.

Agarrando a pedra do chão, ele se endireitou novamente e olhou para a multidão. Eles estavam observando-o com muita atenção, prontos para o ritual ,que eles estavam antecipando desde seu nascimento.

Era profundamente simbólico, trazendo muito mais significado do que Jiri poderia compreender. Ele não entendeu por que os habitantes do planeta estariam tão interessados nesse momento de sua vida, na mudança, que realmente não o mudou, mas trouxe a mulher a sua frente, de uma vida própria, para uma vida de escravidão.

Jiri pegou a pedra em seus dedos e descansou logo abaixo do suave mergulho entre sua clavícula. Em um movimento rápido, ele pressionou-o, sentindo-o afundar-se através de sua pele e incorporar-se em seu corpo para que ele brilhasse como um pingente no peito.

Seu grito percorreu-o, lembrando-o de correr pela floresta, com a dificuldade de tentar salvá-la. Isso foi inútil.

Não havia como ele pudesse chegar até ela e enviá-la para casa, antes que o resto de seus irmãos e os servos que eles trouxeram com eles, pudessem.

Era inútil, mas ele tinha corrido de qualquer maneira. Ele precisava sentir que tinha feito algo, que ele não estava apenas se deixando arrastar para a vida que ele não queria, sem alguma resistência.

Mesmo que ele conseguisse afastá-los, teria havido outros. Sem ele a escolhendo, seu pai teria escolhido uma mulher para ele. Era controlado pelo rei e sem a libertação do rei, Jiri não teria escolha.

A pedra mudou de um roxo brilhante e vibrante para um amarelo suave. Com o ritual completo, Jiri recuou do altar. Em frente a ele, podia ver a multidão torcendo, mas não podia ouvi-los. Ele não podia ouvir nada além de suas próprias respirações pesadas e a reverberação de seu grito.

Layla manteve os olhos apertados contra a dor, mesmo quando desapareceu, e ela estava ciente do palpitar maçante, de algo estranho na pele. Ela não sabia o que pensar.

Ela sentiu-se tão acalorada pela presença do homem bonito, e ele a assegurou que seria cuidadoso com ela, mas ele era o único que causara a dor intensa que acabara de experimentar. Ao redor dela, ela podia ouvir as pessoas que enchiam o quarto.

Passos indicaram que os homens saíram da plataforma e se afastaram, e, por alguns minutos, Layla ficou em silêncio, ante aos passos mais leves, ela abriu os olhos.

Figuras menores, em trapos roxos com capuz, se aproximaram e sentiu que as cordas em seus pulsos e tornozelos se afrouxavam, então mãos suaves, levantavam seus braços e gentilmente a levavam a uma posição sentada.

Por um momento, sua cabeça nadou e ela se perguntou novamente quanto tempo ela estava deitada ali.

- Venha conosco. - disse uma voz doce, quase musical.

Layla sentiu que não tinha escolha. Ela sabia que deveria correr, mas a compulsão foi temperada, pela percepção de que realmente não tinha para onde ir. Até o pensamento de tomar decisões era impraticável.

Ela não conseguiria sair do prédio ou além do alcance, rapidamente, para evitar que aqueles com a vantagem de saber onde eles estavam, de levá-la novamente, e a ideia de como eles poderiam tratá-la depois que ela tentasse uma fuga, era comedida. Ela sabia disso, até que ela tivesse algum conceito de onde ela estava ou até onde ela havia chegado, não poderia escapar.

Seria melhor fazer o que eles queriam, se fosse cumprido com cautela, se cumprisse corretamente, aproveitaria seu tempo para encontrar o meio certo de fugir. Ela permitiu que as figuras menores, que ela supunha ser mulheres, guiá-la para longe da laje de pedra e do chão espelhado, em direção a uma plataforma na extremidade da sala.

Eles caminharam por uma escada íngreme e ela viu uma banheira profunda cortada no centro da plataforma.

- O que é isso? - Ela finalmente conseguiu forçar o aperto da garganta.

- Nós devemos prepará-la para Jiri. - disse a mesma voz que a chamou para seguir.

- Eu não entendo. - disse Layla.

As figuras aliviaram seus capuzes e Layla viu que eram realmente mulheres. Mulheres jovens, suavemente lindas, todas com as mesmas tranças nos cabelos, e olhares complacentes em seus rostos. Aquela que falou com ela, se aproximou e começou a tirar o casaco dos ombros de Layla.

Layla hesitou e viu um sorriso chegar aos lábios da mulher.

- Não tenha medo de nós. Não vamos machucá-la.

A maneira como ela disse, fez Layla se sentir ainda mais nervosa, mas ela relaxou a tensão em seus ombros, para que a mulher pudesse tirar o casaco. Ela deixou as mulheres a despirem, e pela primeira vez, percebeu que sua roupa tinha lágrimas e riscas de lama seca.

Ela tentou novamente pensar sobre como ela chegou a esse lugar, mas ela só podia se lembrar de correr. Não havia nada além do bosque e o ritmo de seus pés no chão.



Uma vez que eles tiraram toda a roupa dela, uma das mulheres pegou a mão de Layla e a levou cuidadosamente a descer na banheira. A água se sentia tão quente que quase lhe picava a pele, mas a sensação era uma distração suave do frio da noite, e o desconfortável sentimento de confusão e medo que continuava a escorrer ao longo da espinha.

Ela desceu uma série de passos mais profundos na água e depois atravessou a banheira, para que ela pudesse sentar-se em um banco baixo em frente aos degraus.

Ela trouxe os dedos para tocar o que o homem tinha forçado na sua pele e sentiu algo suave e duro subindo levemente do peito. Não machucava mais, mas ainda era uma sensação desconfortável e desconcertante.

Uma das mulheres pegou uma tigela e derramou o conteúdo na água, mudando imediatamente a sombra do banho para um rosa claro que parecia brilhar com toques de ouro.

Um aroma aveludado e sensual tocou seu nariz e ela respirou profundamente para encher seus pulmões com isso. A cabeça dela nadou ligeiramente, com o efeito, e sentiu o corpo começar a relaxar na água quente.

Outra das mulheres pegou o que parecia um jarro complexo, usou uma mão para inclinar cuidadosamente a cabeça de Layla, e derramou mais água sobre os cabelos.

Isso parecia ser algum tipo de início para as outras mulheres, que começaram a se mover em volta dela, pegando garrafas e vasos, e lhe dando banho na calma. Sua ternura a atrapalhava e achou o medo que sentia em direção aos homens, aliviada.

Parecia que havia alguém em quem pudesse confiar, mesmo que ligeiramente, seria essa mulher gentil e distante. Ela as deixou levantar os braços para lavá-los, enquanto a mulher com o jarro limpava seus cabelos.

Depois de vários minutos, ela se sentiu corajosa o suficiente para falar novamente.

- Quem é Jiri?

A primeira mulher sorriu para ela novamente, e atingiu Layla que parecia não haver profundidade nos olhos da mulher.

Era como se ela estivesse apenas olhando uma fina camada de vidro verde, sem nada por trás disso, como se alguma vida que já existisse dentro dela, tivesse sido drenada e agora ela só estava interagindo com a concha do que havia sido.

- Ele é o príncipe mais jovem.

Ela disse de forma simples, como se fosse de conhecimento comum, o que Layla deve ter deixado escapar da sua mente.

- O mais novo príncipe? De onde? - Layla perguntou.

- Do planeta.

As respostas eram tão vagas e entregues com tons tão suaves e sem pretensões, que soavam quase como enigmas.

Estava começando a fazê-la sentir-se frustrada e irritada.

- O que você quer dizer com este planeta?

Assim como as palavras saíram de sua boca, Layla percebeu que a manga de uma das roupas de mulher tinha se afastado do pulso enquanto ela despejava água sobre o ombro de Layla, revelando o que parecia grandes gemas brilhantes embutidas na carne do interior de seu braço inferior.

Layla agarrou seu pulso antes que ela pudesse afastar a mão, e virou o braço da mulher para que ela pudesse observar as gemas mais de perto.

- O que é isso? - ela perguntou.

Ela viu as mulheres trocar olhares. Havia perguntas nos olhares, como se estivessem tentando determinar o quanto elas deveriam contar a ela.

- Você sabe onde você está? - A mulher finalmente perguntou enquanto se voltava para ela.

- Não. - disse Layla. - Não consigo nem lembrar de onde eu estava, antes de eu ter sido trazida aqui.

As mulheres se olharam novamente e Layla podia ver algo em seus olhares, que lhe diziam que aconteceu algo que era ainda mais grave do que pensava originalmente.

- Devemos dizer a ela? - Uma das mulheres perguntou.

- Dizer-me o quê? - Layla exigiu: - Quem é você? Onde estamos? O que aconteceu?

As perguntas derramaram-se em uma sucessão de fogo rápido, e sentiu vontade de gritar, em contraste com o consistente silêncio das mulheres.

Ela estava começando a se levantar para fora da água, mas a mulher se aproximou e tocou sua mão no ombro de Layla, cuidadosamente, mas firmemente guiando suas costas para se sentar. Houve mais alguns segundos de tensão silenciosa, antes que a mulher falasse com ela novamente.

- Você está em Cassiopeia.

Capítulo Cinco

Layla olhou para a mulher, esperando que ela dissesse mais, mas ela não continuou.

- Cassiopeia? - perguntou Layla, com a voz silenciosa. - Como a constelação?

A mulher assentiu. - A constelação, sim.

- Eu não entendo.

- As pessoas da Terra pensam que eles entendem tudo sobre o que vêem através de seus telescópios. Na realidade, existem mundos inteiros que olham diretamente e nunca se vêem. Este é um deles.

Layla tentou processar o que a mulher acabara de dizer a ela. Sua mente estava girando e ela estava tendo dificuldade em ordenar seus pensamentos.

Não foi até que a mulher agarrasse sua mão e gentilmente a puxasse do seu braço, que ela percebeu que ainda estava agarrando-a com força.

- Estas são pedras de estrelas. O tamanho e a forma correspondem aos padrões das estrelas, no dia em que nascemos, e ao longo de nossas vidas, mostram nossos pensamentos, emoções e necessidades.

- E isso, o que é? - Perguntou Layla, indicando a pedra, que o homem, que ela agora descobriu que era Jiri, colocara na sua pele.

- Essa... - disse a mulher.

- É diferente. Essa é a pedra que a liga a Jiri. É sua conexão permanente com ele, que marca você como sua nutridora, e garante que ele sempre será capaz de encontrá-la, não importa onde você esteja. Você é única. Estamos

acostumadas com as pedras, já que a maioria delas nasce com ela. Você, no entanto, é a primeira humana a ter uma.

- Quem é você? - - perguntou Layla, sua voz caindo em um sussurro.

O pensamento de que ela era a primeira humana a vir a este planeta, ou pelo menos a ser escolhida na posição, que ela aparentemente agora mantinha, não a fazia se sentir especial e não era reconfortante. Em vez disso, a fazia se sentir mais isolada e sozinha.

Antes, quando pensou em fugir, ela nunca teria pensado, que isso significaria que ficaria presa em um planeta desconhecido, sem maneira alguma de voltar para a Terra.

- Meu nome é Sylan. E você é Layla.

- Sim. - Layla ficou assustada de que a mulher tinha dito seu nome tão casualmente, como se não fosse incomum que ela soubesse. - Como você sabia disso?

Sylan sorriu e pegou outro jarro pequeno sobre uma mesa ao lado da banheira.

- Jiri escolheu você. - disse ela, virando o jarro para derramar outro líquido cheiroso no banho.

- Nós conhecemos o seu nome há algum tempo.

Layla observou como o líquido rodopiava através da água rosa, adicionando fitas de lavanda e brilhos de prata macios. Ela olhou para Sylan com curiosidade.

- Ele me escolheu? - ela perguntou.

- Sim. Você deve ser muito especial. Nunca ouvi falar de um príncipe escolhendo uma mulher humana antes.

Layla fez uma pausa, antes de fazer a próxima pergunta. Ela sentiu, que a resposta poderia ser algo que mudaria sua vida, e depois que ela ouvisse isso, nunca mais poderia voltar para o antes dela.

Finalmente, ela respirou fundo.

- Para o que ele me escolheu?

- Os príncipes são guerreiros, e eles precisam de cuidados especiais. Nós cuidamos deles quando eles retornam de deveres oficiais ou de batalha. Quando eles estão em casa, nós cuidamos de suas necessidades e garantimos que eles estejam confortáveis.

- Cada uma de vocês cuida de um príncipe? - Perguntou Layla, olhando para as outras mulheres, enquanto continuavam a se mover pela banheira.

- Sim. A cada príncipe é dado uma nutridora de sua escolha, quando ele atinge a idade adulta. Como o mais novo, Jiri foi o último dos príncipes a escolher a sua nutridora.

- Como ele me escolheu?

Ela queria dizer que eram de planetas diferentes, mas ela já estava tendo um tempo bastante difícil, compreendendo que ela não apenas foi sequestrada, mas sequestrada por uma espécie que a levara para longe de seu planeta, para um que ela nem sabia que existia.

Dizer que isso a obrigou a admitir que ela ainda não estava preparada para fazer isso.

- Ele tem observado você. Nossos homens frequentemente visitam seu planeta para recreação, e quando ele estava lá em uma visita recente, ele viu você.

- Onde? O que eu estava fazendo? Como ele me viu?

- Eu não sei. - disse Syllan, de repente, ficando desconfortável. - Eu já lhe contei mais do que eu provavelmente deveria ter feito. Nós não

conversamos com os príncipes. Não é permitido. Nós somos encarregadas de cuidar deles, e isso é tudo. Eu escutei o Prez conversando com seus irmãos uma noite quando eu estava preparando seu banho para ele. Eu não deveria ter escutado.

Ela ficou de repente assustada e Layla sentiu um nó no estômago.

Sylan, obviamente, temia ao príncipe a quem ela era encarregada de nutrir, e talvez também aos outros. Isso significava que Layla precisaria ter medo do homem que a havia escolhido.

As mulheres pareciam tão calmas e satisfeitas, quando a trouxeram pela primeira vez, mas Layla se perguntou se isso era porque elas não estavam perto dos príncipes naquele momento.

- Eu não vou contar a ninguém. - ela assegurou-lhe e Layla viu Syllan dar um sorriso tremendo.

- O que eu faço para ... nutrir ele?

- Ajude-o com suas necessidades. Alimente-o, massageie-o, prenda-o sempre que ele precisar de você. Você acabará por aprender a antecipar o que ele precisa e quer, antes de pedir. Isso é coisa boa. É mais fácil para os príncipes nunca pedir nada.

- Vamos lá. - disse outra das mulheres. - Jiri espera por ela. Nós não queremos que ele espere.

Com isso, as mulheres começaram a se mover mais rapidamente, acabando de lavar o corpo de Layla e depois ajudá-la a sair da banheira para secá-la cuidadosamente com toalhas macias e luxuosas.

Elas passaram alguns minutos arrumando seus cabelos nas tranças, que as outras usavam, e usavam pós e cremes suaves para aplicar cor nos lábios e olhos, suavizar e aromatizar sua pele levemente. Finalmente, elas a

vestiram apenas com uma lingerie e a embrulharam em uma túnica roxa, como a delas, em volta dela.

Ela era uma delas agora, uma parte de um povo que ela não conhecia ou entendia, lutando para lembrar o que tinha deixado para trás e aterrorizada com o que poderia esperá-la no futuro. Ela só podia esperar que ela nunca perdesse o que estava nela, que manteria a vida em seus olhos.

Quando elas a consideraram pronta, as mulheres a guiaram de volta pelos degraus da banheira e pela sala espelhada até uma porta na parede traseira.

Elas atravessaram vários corredores, que pareciam mergulhar no chão e, em seguida, levantar-se mais alto, como se estivessem seguindo o layout do chão. Finalmente, chegaram a um conjunto de escadas que levaram a uma pequena porta no teto.

Sylan abriu a porta e guiou suavemente Layla através de uma grande sala redonda. O resto das mulheres seguiram e continuaram a orientar Layla a ir junto. Quando chegaram a uma porta alta no lado oposto da sala, Sytan abriu e gesticulou para um longo e estreito corredor branco.

- Esta é a ala de Jiri. Não podemos entrar com você. Ele pode estar em qualquer um dos quartos, mas geralmente eles gostam de estar no final do salão. Encontre-o e ele irá deixar você saber o que ele precisa. Devemos retornar as alas dos nossos próprios príncipes agora. Eles ficaram sem nós um tempo, e provavelmente precisarão de assistência.

Os olhos de Layla abaixaram para os braços de Sytan e viram um leve brilho vermelho emanando dos punhos das mangas.

- O que a luz vermelha significa? - ela perguntou.

Sylan olhou para ela e, pela primeira vez, o rosto da mulher parecia triste.

- Medo.



Capítulo Seis

Jiri trouxe a equipe através do ar em outro arco rígido, deixando o esforço de seus músculos agir com a libertação das emoções que ele não pôde colocar em palavras. Girando para trás, ele puxou o arma para baixo e empurrou-a em um poderoso golpe na frente dele, imaginando enterrar até o fim no intestino de um iminente inimigo.

Ele soltou um grito enquanto o fazia, forçando imediatamente a equipe de volta, na direção oposta, a assaltar outro oponente imaginário.

No momento em que ele terminou com suas brocas, o suor derramou no rosto de Jiri ele sentiu a escuridão de sua pele. Ele estava tremendo com o esforço, mas a exaustão foi bem vinda, ajudando a distraí-lo dos sentimentos que ele experimentou desde que saiu do templo flanqueado por seus irmãos e liderado por seu pai.

Todos o parabenizaram e acolheram-no na misteriosa e privada dobra de que agora era parte, do mérito, não apenas de sua idade, mas agora ele reivindicava Layla em sua servidão forçada. Eles foram ligeiros, quase comemorativos, mas nenhum deles notou.

Nenhum olhava seus olhos e viu a escuridão e a dor que ele estava sofrendo.

Ele não queria isso, mas nenhum deles se importava. Estavam convencidos de que este era o começo. Isso mudaria todos os estranhos modos, que diferenciavam Jiri de sua família e, finalmente, os unia. Ele veria. Logo ele entenderia e abraçaria esse elemento de seu destino, de quem ele deveria ser.

Jiri não sentiu nada com o que celebrar. Este não foi um dia de felicidade ou alegria para ele, mas ele sabia que eles estavam certos de uma

maneira. Ele mudou. Não era do jeito que eles pensavam que ele havia mudado, mas não se importavam. Eles não conseguiriam vê-lo de qualquer maneira.

Deixando a equipe no gabinete ao lado da porta, Jiri deixou o treinamento e dirigiu-se para a sala de banho.

Depois de um longo banho, vestiu-se e entrou no resto da sua casa. Ele sabia que, em breve, Layla chegaria lá e esperava que lhe desse suas primeiras ordens.

O que ele faria com ela, de agora em diante, era o dever dele para escolher, mas Jiri não podia pensar em nada que ele quisesse dela.

Ele entrou em sua câmara favorita, esperando encontrar calma e paz, que lhe dessem uma chance de pensar o que realmente estava acontecendo e o que ele ia fazer.

Sem mais uma palavra, Sylan e as outras mulheres fecharam a porta e deixaram Layla sozinha no tranquilo corredor.

Ela experimentou uma sensação de pânico se abrindo em sua barriga.

Até mesmo o conforto e a sensação boa, que ela sentia, em relação ao homem bonito, que agora sabia que era Jiri, não era suficiente para tranquilizá-la.

O perigo que ela enfrentava, tornou-se ainda mais evidente, com cada momento passageiro e cada passo que ela deu, para a ala do palácio de Jiri. As paredes brancas pareciam prendê-la, a porta se misturando na parede sem nenhum punho ou botão no lado dela para permitir-lhe uma saída.

Tudo o que restava era fazer o seu caminho pelo corredor e esperar que ela pudesse encontrar outros meios de saída.

Layla caminhou cautelosamente pelo corredor, caminhando diretamente em direção ao quarto no final, que Sytan disse que era o favorito dos outros príncipes. Ela não quis particularmente saber o que estava nos outros quartos.

Se pudesse encontrar um jeito, ela escaparia daquele prédio e dos alienígenas que a seguravam, o mais rápido possível.

De repente, o mesmo pensamento devastador que ela teve quando primeiro considerou tentar uma fuga, enviou um arrepio através dela e fez seu estômago virar.

Mesmo que ela fosse capaz de encontrar uma maneira de escapar, ela estava em outro planeta, anos luz da Terra, e que outros humanos nem sequer sabiam que existia. Ela não tinha ideia de como poderia encontrar seu caminho ou mesmo pedir por ajuda.

Sytan havia dito que Jiri era um dos príncipes de todo o planeta, e que cada um deles tinha nutridoras. Pelo vazio e pelo medo que mostraram, era claro para Layla, que essas mulheres haviam sido forçadas a exercer seu papel da mesma maneira que ela tinha, e que os príncipes que elas serviram não se esforçaram para garantir o seu conforto ou felicidade.

Como eles esperavam que as nutridoras cuidassem deles.

Era improvável que ela pudesse encontrar alguém, disposto a ajudar alguém que tivesse sido escolhido especificamente por uma pessoa tão poderosa.

Continuou andando até chegar ao final do corredor a uma porta que a encarava. Sua mão descansou na alavanca dourada no centro e apertou a porta, revelando um quarto decorado em tons tranquilos de azul, verde e branco.

Parecia uma continuação perfeita do corredor, até a mesa branca elevada no centro. Ela estava tão empenhada em olhar ao redor da sala, o pano fluindo ao longo das paredes, almofadas espalhadas pelo chão e prateleiras de vidro, cheias de garrafas e recipientes que ela nem percebeu o homem de pé parado ao lado.

- Você está bem, Layla?

O som de sua voz a assustou e ela saltou ligeiramente, virando-se para ele e recuando. Ela sentiu seu coração começar a bater quando viu que era o belo homem que estava ao lado dela no quarto pequeno, quando ela acordou, e então novamente quando se deitou na plataforma de pedra e encaixou a pedra em seu peito.

Ele ficou quase contra a parede, as mãos nos lados e a olhava abertamente. Depois de alguns segundos, ela assentiu.

- Estou bem.

Ela não sabia o que mais dizer. Sentiu-se feliz de vê-lo e temerosa, não querendo reclamar da pedra na pele, mas ainda atraída por ele.

- Eles foram gentis com você? - ele perguntou.

Um toque de frustração construiu dentro dela, e ela lutou para não mostrar isso. Por mais agradável que ele fosse, Sylan implicava que esses homens eram perigosos e não confiáveis.

- Eles me amarraram. Eles me sequestraram. Eu não vejo isso como muito gentil.

- Eles te machucaram?

Ela olhou para baixo em seus pulsos e viu que a pele estava vermelha e crua de onde as cordas queimaram e sentia o formigamento nas pernas, que diziam que seus tornozelos provavelmente tinham as mesmas marcas.

O homem aproximou-se dela e olhou para os pulsos dela.

- Das cordas. - ela disse suavemente.

Ele estendeu a mão e segurou uma mão debaixo de seu pulso, mantendo-o de modo que apenas roçou a pele em vez de segurar seu braço.

- Me desculpe. - disse ele, parecendo genuinamente chateado com os ferimentos. Ela levantou os olhos e ele os encontrou, a cor incomum brilhando de volta para ela e parecendo segurá-la no lugar. Eles se olharam por alguns instantes antes de falar novamente.

- Você é Jiri? - ela perguntou.

Embora ela já conhecesse a resposta, ela precisava da confirmação. Ela precisava que ele admitisse que ele era o homem que a trouxera aqui, e a quem ela estava obrigada a servir. Ele assentiu, endireitando as costas, como se estivesse apenas se lembrando de sua estação.

- Sim. Jiri, Príncipe de Cassiopeia.

- Você me escolheu.

- Sim.

- Por quê?

- Você se lembra de ter me visto antes? - ele perguntou.

Ela podia sentir o calor de seu corpo atravessando o espaço entre eles e ela lutou para se concentrar apenas em suas palavras, para lembrar-se de que ela tinha sido capturada e que este era um dos homens de uma família aparentemente brutal, que não só tolerou sua escravidão, mas arranhou-a.

- Não. - ela respondeu, examinando sua mente novamente, lutando para lembrar de qualquer coisa antes que ela estivesse correndo pelo chão frio da floresta irreconhecível. - Não consigo lembrar de nada antes de eu ter sido levada.

Sua voz caiu em um sussurro quando percebeu a verdadeira extensão dessa afirmação. Ela realmente não lembrava de nada. Ela sabia seu nome e que ela morava na Terra, mas era só isso.

Ela não conseguia se lembrar de sua casa, sua família, seus amigos, qualquer coisa.

- Nada? - Perguntou ele.

- Meu nome. - ela disse a ele. - Que eu vim da Terra.

Layla notou que os olhos de Jiri deslizavam para a pedra no seu peito como se avaliasse o que lhe dizia.

- Eu vi você quando você estava na Terra. - ele disse. - Eu assisti você vivendo sua vida e não consegui tirar você da minha mente. - Layla sentiu-se tremendo ligeiramente por suas palavras, superadas pela reação que isto causou nela. - Eu escolhi você muito especificamente, porque eu queria que você fosse minha nutridora desde que eu a vi pela primeira vez.

O sentimento lembrou-a verdadeiramente, do por que ela estar lá, e o sentimento vibrante em sua barriga fluiu. Ela deu um passo para trás, quebrando a ligeira tensão que começara a se formar entre eles.

- O que você precisa que eu faça por você? - ela perguntou, mantendo sua voz tão sem emoção quanto possível.

Pelo menos por agora, essa era sua realidade e, se a reação de Syran ao saber que ela poderia ter ofendido o príncipe, a quem ela tinha que cuidar, era qualquer indicação das tendências desses homens, ela seria melhor servida ficando calma e indo junto com a situação até que ela conseguiu sair.

Jiri olhou para ela, e viu as mãos dele se fechando na dianteira da longa túnica negra que ele usava. Ele liberou e o manto se reuniu ao chão a seus pés, revelando-o apenas em calças soltas.

Layla sentiu um momento de nervosismo, não sabendo a intenção dele, mas ele não fez nenhum movimento para libertar o manto ou até se aproximar dela.

- Minhas costas estão muito doloridas. Esfregue-as para mim.

Sua voz também esfriou e ela o observou passar por ela e se esticar na mesa no meio da sala, seu rosto virou-se para um lado, enquanto apoiava a cabeça em um cobertor dobrado em uma extremidade.

Layla aproximou-se do lado da mesa e deixou seus olhos viajar ao longo de suas costas lisas e cinzeladas. Um V invertido das pedras das estrelas, como aquelas nos braços de Sylan, começou entre os ombros e esticou-se até o centro das costas.

Elas brilharam em um verde profundo, mas teve medo de perguntar-lhe o que isso significava. Com o tempo, ela aprenderia o que elas queriam dizer. Com o tempo, ela rezava para que ela estivesse longe do lugar onde ela não teria a oportunidade de fazer isso.

Ela tocou as mãos com cautela, até as costas e os seus ombros e começou a massagear os músculos. Eles se sentiram duros e tensos sob suas mãos e ela mergulhou profundamente neles, concentrando-se em colocar toda sua força em liberar a tensão, enquanto lutava novamente para lembrar de qualquer coisa de seu passado.

- Há óleo na prateleira. - disse Jiri.

Algo sobre a frase, a fez tremer um pouco, e ela caminhou até a prateleira, para encontrar uma pequena tigela preta cheia de líquido brilhante. Ela pegou a tigela de volta ao lado da mesa e mergulhou os dedos nela, deixando o óleo cair sobre suas costas.

Colocando a tigela na mesa ao lado dele, ela voltou as mãos para as costas.

O óleo deixou as mãos deslizarem mais facilmente através de sua pele, permitindo que ela estivesse mais profunda, para que ela pudesse sentir os músculos começando a relaxar sob seu toque.

Enquanto ela continuava a massageá-lo, Layla percebeu que não estava mais com medo. Jiri teve o mesmo efeito calmante sobre ela agora, do que ele teve antes, e ela se viu concentrada mais na sensação de sua pele, do que preocupando-se com o que estava acontecendo.

Ela não sabia quanto tempo passou, antes que ele de repente se afastasse de suas mãos e se distanciasse da mesa.

- Obrigado. - disse ele. Ele se abaixou, pegou o manto e deslizou-o de volta. - Seu quarto é o da esquerda, antes de chegar a esta porta. Durma bem.

Com isso, ele se virou e saiu da sala.

Capítulo Sete

Layla ficou um pouco chocada com a súbita partida de Jiri da sala. Ela antecipou algo mais, embora não tivesse certeza do quê. As outras mulheres a prepararam tão intensamente e a avisaram com tanta atenção, mas o príncipe pediu, que ela massageasse suas costas. Ela saiu do quarto e voltou para o corredor.

Jiri não estava em nenhum lado e o corredor estava tão silencioso, quanto era quando ela o seguiu. Lembrando o que ele havia dito sobre seu quarto, ela se aproximou da porta e abriu.

O interior do quarto era tão pacífico quanto o anterior, embora com menos branco e mais do suave tom verde do tecido que pendia nas paredes. Ela entrou e fechou a porta atrás dela. A sala parecia ser uma série de plataformas posicionadas em torno de um chão afundado.

Uma plataforma segurava uma grande e profunda almofada que ela supunha que era uma cama, outra segurava uma mesa e duas cadeiras, uma terceira segurava uma coleção de sutiãs e a quarta parecia vazia. Ela subiu os degraus para a plataforma e viu que tinha uma banheira profunda semelhante a que tinha banhado-se no início da noite.

Quando ela limpou o óleo de suas mãos em uma das toalhas empilhadas ao lado da banheira, ela ouviu vozes abafadas.

Layla olhou em volta nervosa, mas não viu ninguém. As vozes continuaram e ela caminhou em direção a elas, achando que elas pareciam estar vindo do outro lado da parede mais distante.

Aplainou a palma da mão para a parede e sentiu que se movia. Aplicando mais pressão, ela afastou a seção da parede e revelou uma pequena câmara escura.

Sylan e as outras mulheres estavam dentro, lotadas em torno de uma mesa baixa. Todos olharam para ela bruscamente quando ela entrou.

- Você está bem? - Sylan perguntou.

Layla assentiu e pisou em direção a elas.

- Estou bem. Por que eu não estaria?

As mulheres se olharam novamente e ela viu a aparência de terror em seus rostos.

- Como foi Jiri? - Perguntou em um sussurro.

- Você não o conheceu? - - perguntou Layla, baixando-se de joelhos ao lado das outras mulheres.

- Não - Sylan disse - Ele sempre foi extremamente privado e, como o príncipe mais jovem, ele ainda não faz parte das atividades formais do palácio. Tudo o que sabemos dele é o que ouvimos dos outros irmãos.

- Ele me perguntou se eu tinha sido tratada gentilmente, ele me fez massagear suas costas, e então ele me agradeceu e saiu. Isso é tudo.

- Ele agradeceu você? - Uma perguntou, soando desconfiada.

- Sim. Na verdade, aconteceu com bastante rapidez. Eu estava esperando ... mais. Eu realmente não sinto que fiz tanto. Isso é estranho?

Três das mulheres estremeceram e Sylan olhou para Layla, apoiando uma mão em seu braço.

- Deixe-me apenas dizer-lhe que nenhuma de nós é a líder original de nenhum dos irmãos. Os príncipes não são conhecidos por tratar as mulheres gentilmente.

Jiri manteve as costas para a porta por vários minutos, depois de ouvir isso, e sabia que Layla tinha entrado na câmara que a esperava. Ele estava lutando para lidar com os sentimentos que o atravessavam.

Ela era tão incrivelmente linda, ainda mais agora, que ele poderia estar perto dela, do que era mesmo quando a observava na Terra.

Quando ele estava no seu planeta, desfrutando da recreação favorita dos príncipes, ele observou como seus irmãos se derrubavam através das mulheres que encontravam. Como de costume, ele estava a distância dessas atividades.

Ele não conseguiu participar da maneira que eles fizeram, e mesmo se ele tivesse a compulsão, nenhuma das mulheres que conheceu durante suas longas noites lá, chamou sua atenção.

Então ele viu Layla. Ela era tão diferente do resto. Ele não pôde colocá-lo corretamente em palavras, então, e, mesmo agora, depois de ter tido tempo para refleti-lo, Jiri não podia dizer especificamente o que a separava tão drasticamente.

Ela era bonita. Isso era evidente. Mas eles haviam atravessado caminhos, com muitas mulheres atraentes, durante cada um de seus passeios para a Terra, e nunca sentiu que se atraia por elas.

Na noite em que ele tinha deixado o lado de seus irmãos, cansado de suas palhaçadas, e querendo algum tempo para si mesmo, ele havia entrado em um bar que ele vira várias vezes antes, mas não entrou. Algo naquela noite, lhe disse para entrar e quase assim que ele fez, ele a viu.

Ele não conhecia o nome dela, nem porque estava lá, mas no momento em que viu Layla, sentada sozinha, Jiri sentiu algo dentro dele que nunca teve. Era como se o quarto ao redor dela, tivesse parado e desaparecido, deixando-a apenas em foco.

Ele não conseguiu ver nada ao seu redor, mas ela estava em detalhes claros e nítidos, que garantiram que ele se lembraria de tudo sobre ela quando ele saísse. Ele desejava falar com ela.

O fato de estar sozinha, parecia dar-lhe a oportunidade de se aproximar dela, mas ele não conseguiu se entregar. Depois de vários minutos a observando calmamente, ela se virou para olhar para ele e sabia que nada seria o mesmo.

Seus olhos prenderam-na e ele sentiu como se ela estivesse olhando para ele. Ele se perguntou o que viu, o que experimentou quando ela encarou sua alma. Embora esse momento o tornasse ainda mais desesperado para ir até ela, também parecia impedir que ele se movesse.

Vindo de um planeta onde foi ensinado, que as mulheres, além daquela disposta a ser sua esposa, eram descartáveis e tinham apenas o propósito de servir as suas necessidades, uma vez que tinham idade, era difícil para Jiri conciliar o que estava sentindo em relação a essa mulher intrigante e o papel que ele esperava para jogar em seu próprio planeta.

Depois que ele deixou o bar naquela noite, Jiri não conseguiu tirá-la de sua mente. Ele sabia que tinha que vê-la novamente. Demorou tempo, mas ele conseguiu encontrá-la e aprender o padrão de sua vida, permitindo-lhe localizá-la quando visitaram a Terra novamente.

Cada vez que faziam, ele a observava. Ele aprendeu o nome dela. Ele a viu rir. Ele viu as lágrimas escorrerem pelas suas bochechas. Durante todo o tempo, ele permaneceu a distância, sem querer que ela percebesse sua presença repentina em sua vida.

Ela nunca poderia ser o que ele queria que ela fosse. Ele nem sabia se ele era capaz de experimentar o que queria. Não escapou de sua consciência, que o tempo de sua vida de idade, se aproximava rapidamente e que alegando que ela seria a nutridora, seria a maneira ideal de garantir que ele pudesse estar com ela em todos os momentos.

Pensou isso, porém, se obrigou a mantê-la distante dele. Ele detestava a tradição das nutridoras, ainda mais agora que sentia o que sentia por Layla. O pensamento de que, ela sofresse o que qualquer das mulheres sob o comando de seus irmãos sofreu era insuportável.

Muito cedo, porém, Prez percebeu que o irmão mais novo parou de passar tempo com eles, durante suas jornadas para a Terra e, em vez disso, estava vagando por conta própria. Uma noite ele seguiu Jiri e descobriu seu fascínio por Layla. A partir daquela noite, Jiri foi forçado a declarar que ele escolheu Layla para ser sua nutridora. Não havia outra opção, tão dolorosa como esta para ele.

Negar isso a tornaria vulnerável aos desejos de seus irmãos. Admitir qualquer outro sentimento por ela, a deixaria vulnerável e colocaria-o em risco da ira de seu pai.

Tão horrível como o pensamento era, reivindicá-la como sua nutridora era a única maneira que ele poderia protegê-la.

Antes da noite do ritual, ele esperava que pudesse convencer seu pai de libertá-lo do peso de suas responsabilidades.

Ele sabia que iria desistir do poder que tinha sobre o planeta e a possibilidade de eventualmente ser nomeado Rei, mas também o livraria de ter que levar Layla e forçá-la a vida de serviço em sua ala.

Não havia convencido seu pai. O Rei nem sequer entretinha a ideia de soltar seu filho, e o havia lembrado sobre o dever que ele tinha com sua linhagem.

Ele nasceu um Príncipe de Cassiopeia. Isso o incutiu com qualidades únicas que o colocaram acima de qualquer outra pessoa, incluindo a mulher humana que assumiu seus pensamentos.

As mulheres eram coniventes, o rei contou a Jiri. Elas fariam tudo o que pudessem para tomar o poder de um homem, especialmente um com as qualidades especiais do príncipe.

Levando-a para o palácio como sua nutridora, não era a crueldade que ele imaginava, o rei disse a Jiri. Ele não a tirou verdadeiramente de sua vida, porque assim que ela chegou no planeta, a vida que ela vivia antes desapareceria, e quando ele encaixasse a pedra no peito, removeria todas as lembranças.

Ela não seria nada além de um corpo, e era exatamente assim que gostavam delas. Ele não estava fazendo nada de errado.

Agora que ele teve seu primeiro encontro com ela, Jiri não sabia se ele havia feito a escolha certa. Ele controlou o poder que a pedra continha, e ele escolheu propositadamente não remover completamente todas as suas memórias quando a incorporou.

Em vez disso, ele permitiu que elas continuassem trancadas, inacessíveis para ela, mas ainda ali. Isso significava que a pedra não tinha o mesmo nível de poder que deveria, mas também significava que ela havia mantido algum grau de sua humanidade.

Tinha sentido o que ele deveria fazer quando a olhava no templo, mas agora não tinha certeza. Apenas ter ela no quarto com ele, tinha lembrado o poder que ele tinha, e deu-lhe um vislumbre do que seus irmãos e pai sempre glorificaram.

Se ela não fosse sua nutridora, ela não seria nada. Ele não poderia mais segui-la, para vê-la. Ela teria ido embora. Mantê-la em seu serviço garantiu que ela pertencesse a ele e que ele nunca seria forçado a ficar sem ela. Enquanto ele a quisesse, ela estava ligada a ele e ele poderia encontrá-la. No mesmo momento, porém, era isso o que ele queria ?

Capítulo Oito

As palavras de Sylan continuaram a reverberar pela mente de Layla, depois que ela saiu da pequena câmara, que ela descobriu que estava anexada aos quartos de cada uma das outras mulheres, assim como o dela, e esticadas na cama elevada naquela primeira noite.

Eles ainda estavam lá uma semana depois, quando ela entrou no quarto branco e viu Jiri afastando o manto como ele fazia todos os dias desde que ela chegou.

Ela não tinha visto Sylan, nem nenhuma outra mulher desde aquela primeira noite e estava começando a se preocupar com elas.

O relacionamento que ela sentia que crescia entre ela e Jiri, era forte o bastante que sentiu que poderia falar com ele.

- Você sabe onde as outras mulheres estão? - Ela perguntou enquanto massageava suas costas.

Ela se acostumara a esse processo, e suas mãos se moviam através de seus músculos com confiança e facilidade, e seus olhos caíam sobre as pedras de estrelas que haviam sido estrangeiras e agora pareciam familiar.

As gemas embutidas em sua pele mudaram de seu verde profundo usual para o azul.

- Não. Elas são da responsabilidade de meus irmãos.

Sua voz era rude, mas ela ainda não sentia medo. Ao longo dos dias que ela passou com Jiri, ela se sentiu cada vez mais atraída por ele.

Tão lindo, ela ainda sentiu sua respiração acelerar, cada vez que o via, ele também era silencioso e gentil, nunca mostrando qualquer tipo de agressão em sua direção.

Suas mãos deslizaram sobre seus ombros, resvalando facilmente com o óleo em sua pele, e ela viu as gemas mudar de volta ao verde. Ela queria saber o que eles queriam dizer, mas ela ainda não conseguia perguntar a ele.

Ainda sentia-se muito pessoal e se preocupava em esticar demais e romper a facilidade que eles tinham entre eles, possivelmente tornando-os no mesmo tipo de relacionamento que Sytan e as outras mulheres tinham com os príncipes que os mantiveram.

Depois de mais alguns segundos de massageá-lo, Layla trouxe-se para fazer outra pergunta que estava queimando na ponta da língua.

- Por que não consigo me lembrar de nada antes de chegar aqui? - ela perguntou.

Jiri sentou-se bruscamente, fazendo com que Layla recuasse. Por um momento, ela teve medo, mas então viu que seu rosto não parecia irritado, mas estava em conflito, como se ela tivesse dado voz a algo sobre o que ele pensava, mas não queria dizer.

Ele a olhou nos olhos, a cor do caramelo quente e fluindo, como se, se movesse sutilmente como fluísse. Parte dela queria dizer algo, qualquer coisa, mudar o assunto e fingir que não disse nada.

Mas então ela sentiu-se desaparecendo. Foi uma sensação que ela reconheceu várias vezes desde o seu primeiro dia de chegada e que ela lutou fervorosamente.

Ela não se tornaria uma dessas mulheres. Ela não se deixaria morrer, e ainda continuar vivendo. Ela precisava empurrar, continuar a honrar o pouco de si mesma, com que ela ainda se sentia conectada, e poderia lembrar.

- Você foi trazida aqui para mim. - ele finalmente disse. - Quando você percorreu as estrelas de Cassiopeia, suas memórias desapareceram.

- Isso não faz sentido - disse Layla. - Cassiopeia é uma constelação. É apenas estrelas. Não há planetas nele.

- Não existe? - Perguntou Jiri.

Essas duas palavras simples fizeram Layla sentir-se fora de equilíbrio e insegura. Ela não sabia por que ela era tão inflexível e começou a se perguntar se o que ela havia dito era verdade.

- Não - disse ela, obrigada a permanecer fiel as palavras que saíam da sua boca, sentindo como se fossem vislumbres de sua verdade, mesmo que não pudesse se lembrar do que lhe dava esses pensamentos e crenças.

- Só porque você não entende alguma coisa, não significa que não é verdade, e só porque você não viu isso, não significa que não esteja lá.

Layla deu um passo hesitante em sua direção.

- Mas minhas memórias. - disse ela, abordando novamente o assunto sensível. - Por quê? Se eu já estive aqui, em um planeta distante, e não me permitem saber como voltar para o meu planeta, por que tirar minhas memórias também?

- De acordo com a tradição, isso significa que sua devoção total pertence apenas a mim e nada mais. As memórias são uma forma de devoção. Se você tem permissão para lembrar o que está em seu passado, você não se concentrará apenas em mim.

Ele disse como se fossem palavras que ele ensaiara, e não necessariamente as que ele acreditava. A forma que ele disse, ela sentiu seu coração vibrar.

- Diga-me quando eu o vi a primeira vez. - disse ela suavemente.

Jiri passou a mão sobre os seus olhos, para que ela os fechasse, e ela sentiu sua boca se aproximar de sua orelha.

Ao mesmo tempo, sua outra mão chegou a sua túnica e abriu o suficiente para que ela sentisse que ele tocava a ponta dos dedos na pedra em seu peito.

Ele começou a falar, mas não conseguiu decifrar as palavras. Em vez disso, ele falou, sua mente limpou e as imagens começaram a aparecer.

Sentiu-se retirada do momento de uma outra vez, como se tivesse caído em si mesma em outro lugar. Ela olhou ao redor e viu que ela estava em um bar escuro, luzes vibrantes e coloridas espirrando em torno dela enquanto sentava em um tamborete de bar e olhava pela pista de dança.

O lugar ficou familiar e sua mente estava calma.

Uma onda de memória passou por ela. Ela lembrou daquela noite.

Era uma celebração para a graduação de um colega de pós-graduação, mas sentava-se sozinha no bar há mais de uma hora esperando. Layla ficou imediatamente naquele momento no bar, ciente de que estava de alguma forma ainda com Jiri no quarto branco frio.

A realidade de ambos fez com que ela se sentisse segura, mas não conseguia entender o porquê. Foi quando Jiri apareceu. O movimento no canto do olho fez sua vez.

Ela viu Jiri se aproximar do lado oposto do bar e sentar-se em um dos tamboretos. Ele se virou e seus olhos se encontraram. Eles haviam se observado como se fosse por horas, e sua mente e seu corpo foram imediatamente atraídos para ele.

Ela abriu a boca para falar, mas as imagens a sua volta dissolveu e quando ela abriu os olhos, ela voltou no quarto branco.

- Eu tenho a capacidade de levar suas memórias, mas não posso mudá-las. - ele disse calmamente. - Você nunca falou comigo naquela noite.

- Você também não falou.

- Não parecia que havia alguém lá com você, mas não sabia se você poderia estar esperando por alguém. Eu pensei que, se você estivesse sozinha, você se aproximaria de mim.

- Eu queria.

- Mas seus amigos chegaram.

- E quando eu olhei de volta, você tinha ido embora.

- Eu lembrei-me de você. Nunca parei de pensar em você. Voltei a esse bar muitas vezes, e eu segui você. Eu estava lá com você, quando você não sabia disso. Essa é uma maneira muito distante de viajar ... nunca falar com você ...

Um sorriso curvou seus lábios e Layla riu suavemente. - Eu nunca parei de pensar em você também.

- É por isso que eu escolhi você - disse ele. - Eu queria tê-la perto de mim da única maneira que eu poderia.

Uma memória recente escorria pelos pensamentos de Layla.

- Quando eu cheguei pela primeira vez, quando você colocou esta pedra no meu peito, você disse que faria apenas o que você precisava fazer. O que você quer dizer com isso?

Jiri ficou tenso e viu mais emoção nos seus olhos do que nunca.

- As outras mulheres não sabem nada de si mesmas ou de onde elas vieram. Para elas, só existiram a partir do seu ritual. Elas sabem apenas o que

aprendem aqui no palácio, e como um capricho, o príncipe que elas servem pode tirar isso. Eu não fiz isso com você. Não podia suportar.



Capítulo Nove

Eles olharam um para o outro e Layla sentiu seu coração começar a bater e seu corpo tremer. Algo estava mudando entre eles e era palpável. Não era hora de palavras. Ela só podia expressar o que estava pensando e sentindo com o cuidado que ela lhe dava.

De repente, ele se virou e deitou na mesa como sempre fazia. Layla usou seus dedos para pingar o óleo da tigela em suas costas e começou a massageá-lo. Ela deixou as mãos cruzarem-se sobre os ombros e descer o braço dele e depois descer as costas na cintura.

Depois de alguns minutos, sentiu-se encorajada e passou o dedo pelas gemas embutidas nas costas. Eles voltaram para o verde e brilharam mais intensamente do que os tinha visto brilhar antes.

Os quadris de Jiri apertaram ligeiramente ao traçar as bordas das gemas. Layla caminhou até o final da mesa e estendeu a mão para mergulhar os dedos na sua cintura.

Ele fez um ligeiro grunhido, mas não se moveu, então Layla continuou, puxando suas calças leves sobre os quadris, descendo até as coxas e depois.

Jiri soltou uma respiração longa e lenta, e ela pegou a tigela de óleo. Diminuindo os dedos, deixou um pouco de líquido calmo e aquecido escorrer em sua parte inferior das costas, os músculos fortes e duros de seu traseiro e as costas de suas coxas.

Escalando sobre a mesa, Layla colocou os joelhos entre as pernas inferiores de Jiri e estendeu a frente para esfregar o óleo em sua pele. Suas mãos percorreram suas costas e sobre seus quadris, cavando profundamente em seus músculos e ela se deixou apreciar as curvas e os planos de seu corpo.

Enquanto passava as mãos pelas pernas, mergulhou-as nas coxas internas e avançou os dedos até que suas pontas tocaram o calor aninhado entre as pernas. Ele gemeu ligeiramente e ela empurrou o quadril até ele se virar, finalmente revelando-se a ela.

Layla mordeu seu lábio inferior ao ver sua ereção e se ajoelhou, sua mão na barriga, agitando-se, divertindo-se do jeito que parecia agitar sob seu toque. Ela soprou uma suave corrente de ar ao longo de seu eixo e inclinou-se para a frente para seguir o ar com a língua, mas de repente ele colocou uma mão no ombro dela.

- Pare. - disse ele.

Seu coração afundou e ela se sentou de volta nos calcanhares. O embaraço queimou-se sobre suas bochechas e sentiu que estava doente do estômago.

Ela interpretou mal tudo o que Jiri havia dito e agora se entregou a ele apenas para ser rejeitada.

- O que está errado?

- Não posso fazer isso - disse ele, sentando-se e pegando uma toalha para cobrir-se. - Não posso simplesmente mantê-la aqui, quando você não tem escolha.

Layla observou enquanto Jiri saiu correndo da sala e afastou-se dela. Seu coração doía. Ela não sabia onde isso os colocava e se ela tivesse feito uma escolha que destruísse tudo o que eles tinham construído entre eles no curto, mas significativo tempo que ela tinha estado no planeta.

Jiri sentiu como se não pudesse respirar. Ele colocou as mãos na borda de seu colchão e arrastou o ar para o peito, tentando forçá-lo a entrar nos seus pulmões. Sua cabeça estava nadando e ele parecia não poder controlar seus pensamentos.

Ele nunca quis que isso acontecesse com Layla. Ele não podia deixar isso acontecer. Ele sabia que seus irmãos usavam sua nutridoras para tudo o que eles desejavam, mas não era assim que ele queria que ele fosse com Layla.

Tocá-la era algo que ele ansiava desde o primeiro momento em que a viu, e que desejava mais com cada momento que ele estava perto dela, mas não podia se permitir. Ele não a usaria como se ela fosse menos do que uma criatura viva, como se ela fosse um objeto nascido apenas para seus propósitos.

Embora ela agora pertencesse a ele como a sua estação ditada, Jiri não se deixaria esquecer que nem sempre era o caso. Mesmo que ela não soubesse disso, ela já teve uma existência sem ele nela.

Ela teve uma vida que se estendeu de seu nascimento até o momento em que ele a viu, e isso continuaria se ele não tivesse a visto. Ele não podia deixar-se desrespeitar isso, apenas para que ele pudesse satisfazer os desejos que ele tinha por ela.

De repente, sua mente ficou clara e o tremor dentro dele se acalmou. Ele sabia o que ele tinha que fazer e não mais se importava com o que ou com quem tentasse lhe afastar do caminho.

Layla tinha acabado de arrumar a sala e estava começando a sair para o quarto quando Jiri se aproximou. Ele amarrou a toalha em volta dos quadris e a olhava atentamente.

- Não posso deixar isso acontecer. - disse ele.

Layla sentiu o coração apertado e as hesitações que sentia se derreteram.

- Por quê? - Perguntou ela.

- Você não está me forçando. Você não pediu nada. Estou me oferecendo a você.

- Eu não posso deixar você fazer isso. - respondeu Jiri.

- Eu não posso aceitar isso, quando você não tem escolha senão estar aqui, quando você está ligada a este lugar e a mim.

Layla sentiu uma sugestão de um sorriso vir a seus lábios e deu alguns passos mais perto dele.

- Eu quero estar aqui com você, Jiri. Eu queria você desde a primeira vez que eu vi você, e eu sei disso porque você acabou de compartilhar essa memória comigo. Lembro-me do que senti quando te vi. Eu precisava de você, e eu preciso de você agora.

- Você me queria naquele momento, porque você pensou que eu era apenas outro homem sentado no bar, alguém que você poderia namorar e trazer para conhecer seus amigos e familiares. Alguém com quem você possa se divertir.

- Eu queria você, porque no momento em que vi você, eu sabia que havia algo especial sobre você, e que queria estar perto de você, para que você fosse parte da minha vida.

- Mas agora você sabe que essa vida não é possível. Eu não sou desse tipo, Layla.

- Eu sei disso.

- Você não se lembra de nada antes que os homens a capturassem. Como você pode saber que quer estar comigo agora? Lembre-se de tudo agora e então você pode tomar sua decisão. Se você quiser ir, eu a enviarei para casa.

Antes que ela pudesse responder, Jiri inclinou-se para a frente, tocou a ponta dos dedos na pedra e murmurou de novo no seu ouvido.

As palavras imediatamente desapareceram na obscuridade, quando sua mente ficou escura e ela começou a experimentar memórias rápidas, cenas que passaram por ela e lembrou a todos e a tudo o que ela deixou.

Ela viu os amigos que a conheciam no bar na noite que tinha visto Jiri, o ex-namorado que havia quebrado seu coração algumas semanas antes, os pais que ela não tinha visto em dois anos e o irmão que havia morrido.

Ela a viu em casa, o espaço vazio que a fazia se sentir cada vez mais solitária quando ela caminhava para isso, e o trabalho que sempre lhe dava a sensação de haver outra coisa no mundo, e de onde ela estava o dia que tomara um passo em um caminho para dar um passeio, e o próximo encontrou-se saindo de um pequeno navio e na clareira do planeta de Jiri.

As memórias desapareceram quando ela ouviu a voz de Jiri dizer-lhe para correr e sentiu que seus pés começavam a bater no chão.

Sentiu-se ofegante quando tirou as lembranças e voltou à consciência. Ele tentou mostrar suas razões para que ela pudesse querer voltar para a Terra, mas ele realmente tinha dado a ela todos os por que não deveria, começando com a forma como se sentia cada vez que o via.

Quando as memórias desapareceram e ela abriu os olhos novamente, Jiri se foi. A sala sentiu-se fria sem ele lá, e ela imediatamente saiu para entrar em seu quarto.

Ela se despiu no meio da sala, deixando a roupa cair no chão antes de subir os degraus da plataforma e descer na banheira afundada.

Uma vez que ela estava sentada no degrau, ela ligou a água, permitindo que ela fluísse sobre ela enquanto ela rapidamente enxergava a banheira aos ombros dela.

Descansando a cabeça para trás do lado da banheira, ela pensou em Jiri e o que ele havia dito a ela. Ele não queria segurá-la cativa. Ao contrário de seus

irmãos, ele não queria que um servo preenchesse suas necessidades e esperasse por ele.

Ela estava lá por um curto período de tempo, mas sentiu que estava completamente ligada a Jiri agora.

Através do modo amável, que ele olhou para ela, com a maneira suave que ele falou com ela, e com a presença calma e forte que ele emitiu, ela começou a se apaixonar por ele, e ela já sabia mais do que nunca que jamais iria deixá-lo para trás.

Ela queria continuar a cuidar dele. Não como sua escrava, mas como sua amante.

Layla ouviu sua porta abrir e sabia que era Jiri. Nenhuma das outras mulheres foi permitida em sua ala e ela ainda tinha que encontrar seus irmãos.

Ela abriu os olhos e observou-o caminhar lentamente em direção a ela, a toalha ainda enrolada em sua cintura de quando estavam na sala branca.

Ele subiu as escadas lentamente, sem tirar os olhos dela. Finalmente, ele alcançou a borda da banheira e se ajoelhou, alcançando a banheira para descansar a mão em seu braço e atraí-la para ele. Quando ela se pôs de joelhos, ele desprende a ponta da toalha e puxou o pano, revelando-se novamente. Layla gemeu e ele segurou sua mão atrás de sua cabeça, enterrando os dedos nos cabelos para que ele pudesse trazê-la para frente e passar os lábios em sua boca.

Capítulo Dez

Layla gemeu quando ela finalmente provou Jiri, atraindo-o profundamente para dentro de sua boca para que ela pudesse saborear cada nervura e veia contra sua língua.

A água no banho girou em torno de seus seios, provocando seus mamilos. Ela o sugou luxuosamente e foi recompensada com gemidos no fundo do seu peito.

Jiri continuou a segurar a cabeça, guiando-a ao longo de seu eixo até sentir a ponta dele em sua boca com cada golpe. Ela abriu a boca ainda mais, permitindo que ele escorregasse até o fim. Jiri manteve-se imóvel na sua boca por alguns segundos, antes de se retirar completamente e descer na banheira com ela.

Jiri cruzou a banheira e sentou-se no banco, pegando a mão de Layla quando ele foi, para que ele pudesse atraí-la junto com ele. Ele pegou seus quadris e a puxou para a frente em seu colo.

Layla deu um suspiro desenfreado de satisfação enquanto ele escorregava para dentro dela, enchendo-a tão completamente que era como se seus corpos estivessem trabalhados para estar juntos.

Uma vez que ela se instalou totalmente em seu colo, Jiri se moveu sem pressa. Empurrando-a para ele com um braço, ele usou a outra mão para rolar os quadris contra ela. Cada golpe a massageava intimamente, empurrando-a para o clímax. Sua boca caiu em um peito e ela se arqueou de volta para deixá-lo puxar seu mamilo entre seus lábios para que ele pudesse girar sua língua em torno do pico tenso.

Ele estava alimentando-a agora, preenchendo cada uma de suas necessidades de uma forma mais intensa do que jamais imaginaria.

Layla ofegou quando Jiri virou de repente, usando a mesma força impossível que os outros homens tinham, para carregá-la, seu corpo ainda estava enterrado no meio dela, atravessando a sala até a plataforma com a cama.

Lá, ele a deitou gentilmente e começou a empurrar para dentro dela, segurando seus olhos como ele fazia. Ela gritou quando a ponta de sua ereção atingiu um lugar dentro dela tão sensível que imediatamente a enviou estremecendo para um orgasmo tremendo de alma. Ele segurou seu choro, e ela sentiu que ele latejava dentro dela. Ela encontrou seus pulsos com suas próprias contrações, criando uma sensação tão poderosa que sentiu lágrimas virando nos olhos.

Jiri baixou-se ao lado dela e puxou Layla contra ele, de modo que seus corpos quentes e pegajosos se enroscaram e ela poderia aninhar sua cabeça na curva de seu ombro e pescoço. Ela trouxe um beijo no pescoço e seus olhos se fecharam.

Os olhos de Jiri se abriram lentamente enquanto a consciência gradualmente voltou a sua mente. Ele resistiu primeiro, não querendo sair do maravilhoso e profundo sono que o abraçara durante a noite.

Fazia tanto tempo que conseguira dormir profundamente. Geralmente, ele jogava e se virava durante a noite, lutando para adormecer e, uma vez que ele adormecia, não conseguia manter seu sono por tempo suficiente para realmente refrescá-lo.

Mesmo quando conseguia adormecer, ele ficava atormentado com sonhos e pesadelos perturbadores, que o levavam a sair do sono, ficando

doente e desconfortável, mesmo que ele não soubesse sobre o que realmente era o sonho.

Agora, porém, o sono veio rapidamente e completamente. Ele afundou em um sono profundo e confortável, em momentos de fechar os olhos e descansar completamente naquele sono durante toda a noite.

De manhã, no entanto, ele sempre foi resistente para abrir os olhos. Ele não queria largar a tranquilidade desses momentos que aconteciam, logo após a consciência ter retornado, antes que ele abrisse os olhos e assimilasse o mundo ao seu redor.

A diferença era Layla e o calor de seu corpo doce e obediente, preso ao dele e o cheiro dela enchendo seu nariz com suas últimas respirações, antes de dormir, e as primeiras respirações da manhã. Jiri suspirou e chegou ao lado dele para correr os dedos pelas costas de Layla.

Quando ele não sentiu nada sob sua mão, mas o cobertor espesso, o desapontamento afundou em sua barriga. Esta não foi a primeira vez que isso aconteceu nas semanas desde o primeiro momento feliz que ele fez amor com ela.

Eles caíam nos braços um do outro, gastados e suando, Jiri muitas vezes ainda estava embalado dentro dela e adormecia profundamente. Ele podia virar e beijá-la de volta ou correr a mão ao longo da curva de seu corpo, mas quando Jiri acordava, Layla havia ido embora.

Ele a achava cumprindo seus deveres em todas as formas, preparando o café da manhã ou lavando sua roupa, e haveria um momento de separação entre eles.

Embora gostasse de vê-la fazendo essas tarefas, sentindo como se estivesse realmente cuidando dele, Jiri sabia que ainda havia um nível de servidão que entrou nela.

Mesmo com o poder reduzido que ele colocou na pedra quando encaixou na sua pele, a gema ainda tinha um nível de controle sobre ela. Ainda lhe deu a compulsão de servi-lo.

Pior ainda eram os dias em que se recusava a dormir ao lado dele. Ele acordava para encontrá-la dormindo em outra peça de mobiliário em seu quarto ou mesmo em uma das almofadas em seu quarto.

Aqueles eram os dias em que ela estava lutando, quando sentiu a tensão entre eles que vieram por ela ainda estar no papel dele ser seu dono. Ele nunca a trouxe para o quarto dele, nem se arriscou com ela fora de sua ala do palácio, e houve momentos em que isso era muito difícil para ela lidar.

Jiri sabia que não entendia, que havia muito mais do que apenas a tradição de seu tipo, ditando suas escolhas.

Se seu pai soubesse o que estava acontecendo entre eles, que ele era abrigada em seus braços, por mais do que o impulso de seu corpo, ele poderia enfrentar um perigo incrível.

Ele estava disposto a colocar-se nessa posição se quisesse voltar para a Terra, mas agora que ela tinha escolhido ficar com ele, mesmo depois de ver suas memórias, ele não podia arriscar.

Ele não podia colocá-la diante desse tipo de perigo. Até que ele soubesse o que ele iria fazer e como ele iria lançar ambos, ele precisava manter a imagem de que tudo era exatamente o que era.

Naquelas noites em que Layla se recusou a ficar com ele, Jiri a encontraria em um dos favos de mel da sala e a levaria de volta ao quarto. Os momentos passariam num frenesi.

Ele sentiu como se estivesse em outro plano de existência durante aquelas noites. Tudo passou em flashes, cada momento foi cristalizado em

uma criação individual separada, que era singular em sua existência e sem fim na impressão que fazia com ele.

Assim que ele colocou Layla de volta ao quarto, a coragem dela desmoronou.

Em um instante, eles estavam rasgando a roupa do outro, lançando as peças de lado com abandono e não se importando com a terra. Eles poderiam reuni-los mais tarde.

Não importava o que aconteceu para levá-los para a cama, na água quente da banheira ou nos outros móveis que os aguardavam. Tudo o que importava era que seus corpos se conheciam e se comunicavam um com o outro, de uma maneira que as palavras nunca poderiam.

Esta foi a felicidade. Esta foi a conclusão. Muito cedo, no entanto, esses momentos acabavam, e Layla lhe daria um beijo final, escorria dos cobertores onde dormiam e desapareceria de volta ao seu papel de serva. Mesmo as noites em que Layla permaneceu com ele, levavam a manhãs que não estavam, sem ansiedade. Assim que Jiri se permitiu acordar completamente e enfrentar o novo dia que o esperava, ele sabia que era apenas uma questão de tempo antes de Layla sair.

Agora que ele tinha idade, ele deveria passar a maior parte do tempo na parte principal do palácio ou mesmo em missões, além do planeta. Nessas longas e torturantes horas, ele não saberia quando ele estaria de volta com ela, ou quanto mais tempo seria se eles tivessem que continuar assim.

As vezes Jiri não era necessário e Layla ficava com ele durante o dia e a noite. Outras vezes levava alguns dias para ele voltar, depois de uma missão, e ele ficou com dor por ela.

Nessas largas lacunas, entre as noites que passaram juntos, Jiri podia sentir a ansiedade construindo dentro dele, tanto que sentiu que poderia empurrá-la para a borda.

Nesses momentos, ele se preocupava com o fato, de que ele nunca mais veria Layla, que esse seria o momento em que ela lhe dizia que não poderia mais aguentar, e queria voltar para casa. Ou pior, que ela tentaria assumir isso e ser deixada a mercê de seus irmãos ou pai.

Jiri sabia que ele era esperado no café da manhã, com a família naquela manhã. Ele se banhou relutantemente e deixou sua ala para se juntar a eles no espaço comunal do palácio.

Ele sabia que a expressão em seu rosto estava triste e desapontada quando ele se aproximou, e sentiu os olhos dos membros de sua família examinando-o enquanto se aproximava.

Fazia apenas algumas semanas que o pai o chamara para sua ala privada e o questionou, deixando-o saber que seus irmãos estavam preocupados com seu comportamento desde o ritual.

Embora Jiri tivesse assegurado ao rei que tudo estava bem, ele sabia que o olhavam com suspeita em seus corações, cada vez que ele tomava café da manhã depois de uma noite com Layla, pronto para sancionar ele no primeiro verdadeiro sinal de traição.

- Você parece cansado, Jiri. - Prez disse enquanto se aproximava da mesa.

- Você parece muito cansado recentemente.- disse outro irmão, Silas.

- O que está acontecendo?

Jiri sabia que as únicas vezes que ele parecia cansado eram as noites em que Layla se recusara a ficar com ele. Essas noites sentiam-se infinitamente mais longas do que as que Layla passou ao lado dele.

Ele lutava para adormecer, quando ele sentia que o lugar ao lado dele crescia cada vez mais frio, e então lutaria para ficar dormindo quando desejava que Layla voltasse.

- Nada está acontecendo. - disse Jiri, lutando para controlar sua voz.

Ele não queria deixar que houvesse algo que o incomodasse. Ele sempre foi o pária dos irmãos e ele sabia disso.

Nenhum deles toleraria até mesmo uma dica, de que ele não só formou um vínculo com a sua nutridora, mas que ele estava pensando em deixar o palácio.

A ideia de um príncipe ter um relacionamento com sua nutridora, era algo que nenhum deles jamais consideraria aceitar. Na família real, as nutridoras, eram consideradas muito mais baixas do que os príncipes, e de modo algum aceitáveis somente como um servo.

O conceito de ter uma relação com uma dessas pessoas, era algo que ofendia tudo em sua tradição. Enquanto ele permanecesse no palácio, seria esperado seguir com os caminhos de sua família, não apenas para si mesmo, mas para o resto deles.

Se ele fosse formar uma relação de igualdade e até mesmo de afeto com uma nutridora, ameaçaria a construção inteira e colocaria todos em risco. Ele poderia esconder o relacionamento ou ele poderia escapar e deixar o planeta, para nunca mais voltar.

Houve momentos em que isso pareceu incrivelmente atraente para Jiri. Nesses momentos, desejaria que pudesse de alguma forma se afastar, mesmo que por um pouquinho, e saber o que era não ter que lutar por crenças tão diferentes, do que as que o rodeavam, e viver uma vida que era apenas o material de sua imaginação.

Se ele preferisse sair, ele poderia colocar seu tipo e seus conflitos atrás dele. Ele poderia forjar seu próprio caminho e ele poderia compartilhar sua vida com Layla.

Por mais que com frequência ele pensasse sobre isso, Jiri sempre estava consternado com a realidade da situação.

Não seria apenas incrivelmente perigoso escapar. Poderia ter implicações que estavam mais longe do que sentiu, mesmo que ele conhecesse completamente. Se ele deixasse o planeta, ele não iria deixar para trás tudo o que ele sempre conhecia, mas tudo o que ele tinha antes dele. Seu planeta e seu tipo estavam se desintegrando rapidamente e havia uma turbulência no horizonte que ele não podia simplesmente ignorar.

Tanto quanto ele odiava algumas das tradições e rituais da família, ele sentiu uma tremenda sensação de amor e lealdade em relação a seu planeta, e tinha um desejo profundo de protegê-lo de qualquer maneira que pudesse. Partindo, tiraria tudo disso.

Ele nunca mais poderia voltar e continuar sua vida do jeito que deveria ser.

Ele nunca poderia ganhar o perdão ou a confiança da família ou do resto do planeta depois de sair e ir para a Terra, mesmo que fosse apenas por um curto período de tempo.

Antes de Jiri ter uma chance de responder, seu pai saiu de sua própria ala e olhou para ele. Seus olhos eram nítidos e precisos, sempre capazes de fazer com que Jiri sentisse como se seu pai estivesse olhando diretamente para ele.

- Está tudo bem, Jiri? - ele perguntou.

Jiri assentiu, não querendo chamar mais atenção para si mesmo. Ele sabia que se a família decidisse que iriam se voltar contra ele, não havia nada que o rei pudesse fazer para protegê-lo.

Ele teria que controlar e monitorar seu comportamento para que seus irmãos não tivessem razão ou evidência para sancioná-lo.

- Tudo está bem. - disse ele.

- Eu só tive problemas para dormir na noite passada.

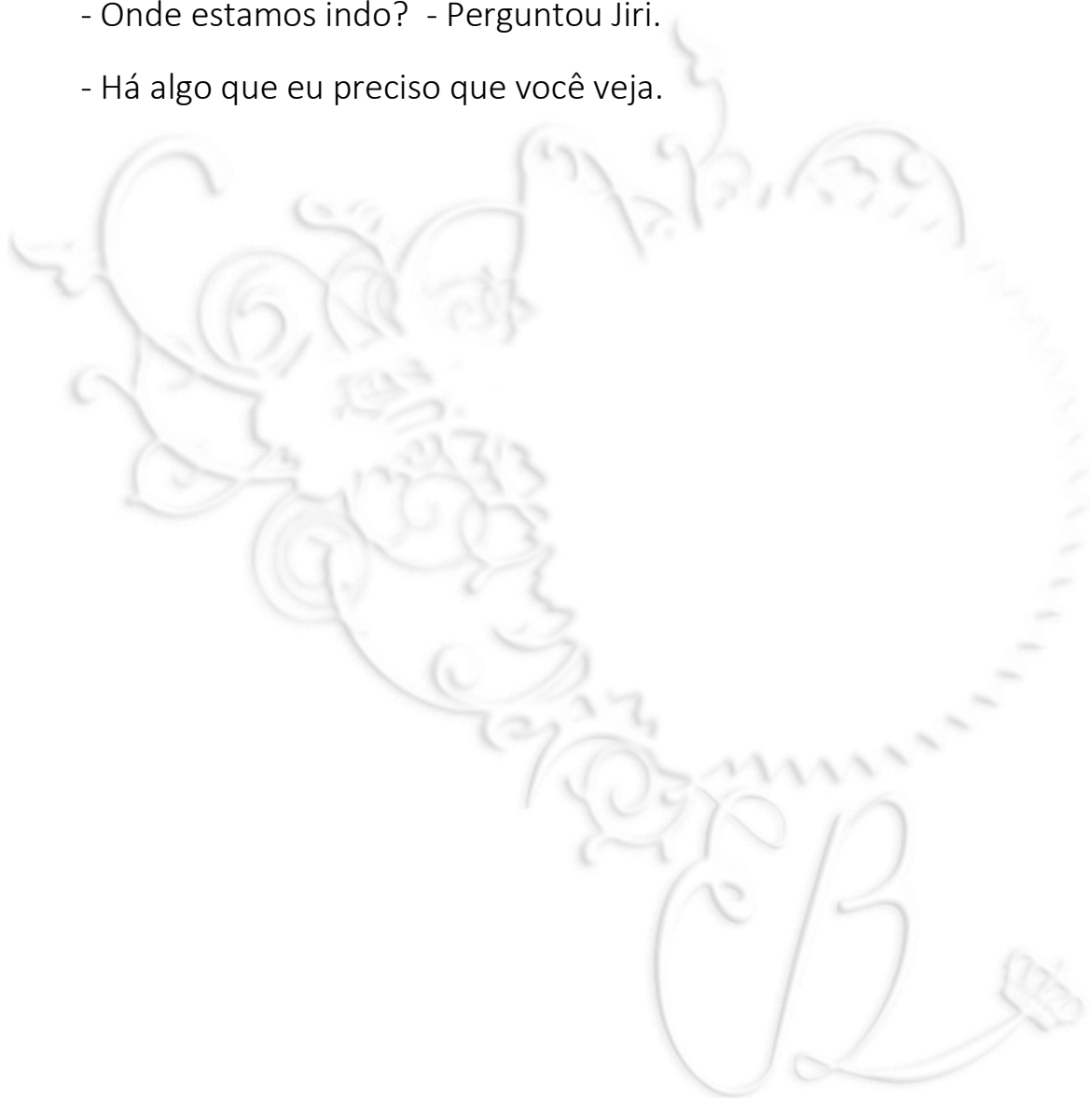
- Se há alguma coisa incomodando você, você sabe que pode falar comigo. - O rei disse.

- Eu sei. Obrigado, pai. - O rei assentiu.

- Eu quero que você venha comigo hoje.

- Onde estamos indo? - Perguntou Jiri.

- Há algo que eu preciso que você veja.



Capítulo Onze

Jiri estava tremendo quando entrou no quarto naquela noite e escorregou debaixo das cobertas ao lado dela. Layla não o esperava, e agora que ele havia chegado, sentia emoções dolorosas.

Ela queria perguntar-lhe o que estava acontecendo, mas algo dentro dela disse-lhe para não falar. Em vez disso, ela abriu os braços e levou-o para dentro deles, encaixando a cabeça contra o peito até senti-lo calmo e gradualmente se acalmar.

A próxima coisa que Layla reconheceu foi a sensação de metal ao redor de seus pulsos e o frio da pedra contra suas costas nuas. Por um momento, ela teve uma sensação de terror que tudo o que ela pensava ter experimentado depois de atravessar o bosque tinha sido um sonho e que ela voltou a amarrar a pedra, enfrentando outra versão dessa realidade.

Seus olhos se abriram e ela percebeu que ela estava acorrentada a uma parede e que o que ela achava que tinha sido pedra, era realmente o piso espelhado da sala tremenda, que ela tinha atravessado na sua primeira noite no planeta.

As outras mulheres estavam acorrentadas ao longo da parede ao lado dela e ela podia ouvi-las chorando suavemente. Ela olhou atentamente para Sytan junto a ela e viu um fraco fluxo de sangue escorrendo pelo canto da boca.

Fazia tanto tempo que a vira, e Layla podia ver que a mulher parecia pequena e mais fraca, de certa forma mais frágil agora do que tinha quando ajudara Layla a se preparar para Jiri.

- O que está acontecendo? - Layla sussurrou, mas Sytan a olhou bruscamente e balançou a cabeça.

- Não fale. - uma voz falou com raiva de algum lugar em frente a dela.

Ela ouviu passos altos batendo contra ela e virou-se para ver um homem alto e pesado pisoteando pelo chão espelhado.

Sylan enrolou-se mais apertado e baixou a cabeça, e Layla assumiu que este era o príncipe que a escolhera. A maneira como ele a olhou, no entanto, disse que essa escolha não era de carinho. Ele levantou a mão para golpeá-la e Layla bateu contra suas correntes.

- Pare!

O homem voltou sua atenção para ela e ela pôde ver fogo em seus olhos. Ele deu um passo mais perto dela e ela olhou para ele, de repente se sentindo forte e agressiva, em vez de ter medo. Sua mão levantou-se no ar novamente, mas ela se recusou a se inclinar.

- Você não ouse tocá-la, Prez.

Layla ouviu a voz de Jiri e se esforçou contra as correntes para olhar em frente a Prez em sua direção. Ele estava atravessando a sala espelhada em direção a eles, e quando ele se aproximou, ele caiu na frente dela, deslizando vários centímetros no chão espelhado antes de parar quase contra ela. Jiri se afastou do seu manto e o colocou sobre o corpo nu de Layla antes de ir trabalhar nas suas correntes.

- Como você ousa? - Ele perguntou, olhando por cima do ombro dele.

- Como se atreve em transportá-la aqui e encadeá-la como um tipo de animal?

- Sylan escapou. Eu tinha todo o direito de trazer todas as mulheres aqui como precaução.

Sylan fez um som estrangulado na garganta e Layla olhou para ela, estendendo a mão para tocar seu braço com a mão que Jiri acabara de libertar.

- O que é isso?

Prez grunhiu e Jiri levantou-se, bloqueando Layla com seu corpo e se esticando em direção ao seu irmão mais velho.

- É melhor você nem sequer pensar na ideia de machucá-la. - disse ele com uma voz baixa e controlada que era infinitamente mais assustadora do que a fúria do controle de Prez.

- Diga-nos o que está errado, Sytan - disse Layla calmamente. - Estamos aqui. Ele não pode machucá-la. - ela levantou os olhos com raiva para Prez.

- Eu não escapei - disse Sytan.

- Eu apenas entrei em seu quarto.

- É proibido entrar nos aposentos de outra nutridora. É o mesmo que entrar no domínio de outro príncipe. É uma traição.

- Eu não o trai. - Sytan insistiu. - Ou planejei escapar. Eu estava apenas procurando por Layla. Fazia tanto tempo que eu a vi, e queria garantir que ela estava indo bem em seu novo papel.

Mais passos soaram no chão da sala do espelho e Layla se levantou para que ela pudesse se enrolar completamente no manto. Duas pessoas que ela não reconheceu apressaram-se em sua direção.

- Onde estão seus irmãos? - O homem exigiu.

- Eles estão fora em caça - respondeu Prez.

- Qual o significado disso? - A mulher do lado do homem perguntou.

- Sytan entrou no quarto de Layla e Prez sentiu que isso não justificava apenas tortura, mas o transporte de todas as mulheres aqui para um tormento adicional.

- Qual seu problema, Jiri? - Prez perguntou. - Elas são nutridoras. Elas são dispensáveis - Jiri lançou um brilho ao seu irmão.

- Layla não é apenas uma nutridora e ela não é absolutamente dispensável. - A mulher olhou para Jiri.

- Jiri?

- Eu a amo, mãe.

Layla sentiu seu coração vibrar e ela se aproximou mais atrás de Jiri. Ela apoiou a mão que não estava segurando o manto fechado na parte de trás do ombro e tocou um beijo no local logo acima, onde a gema superior, de cor vermelha brilhante, estava embutida em sua pele. Havia tanto que queria dizer-lhe, mas agora não era a hora.

Este momento pertencia a ele e ela precisava dar-lhe o espaço para lidar com eles como ele precisava.

- Você a ama? - A Rainha perguntou, sua voz soando como se estivesse contendo as lágrimas. Era uma reação que Layla não esperaria. Embora Jiri nunca tenha falado sobre sua mãe, Layla teve dificuldade em imaginar uma mulher que permitiria que seus filhos escravizassem as mulheres e abusassem da maneira como os outros príncipes faziam.

Ela teria pensado que a Rainha poderia até ser uma escrava ela mesma, ou pelo menos áspera e fria, como a energia dos homens que a levaram para o templo, sua primeira noite lá. Ela não esperaria que ela fosse emocional e até macia com seu filho, especialmente quando ele estava dizendo que ele havia traído uma das tradições mais profundamente enraizadas de sua espécie.

- Sim. - respondeu Jiri.

- Ela ama você?

Jiri se afastou um pouco, revelando Layla. Ela olhou a mulher nos olhos.

- Sim. - ela respondeu - Eu o amo. Com tudo em mim.

- Finalmente. - disse o rei, sua voz segurando um suspiro aliviado, que era ainda mais surpreendente para Layla do que a reação da rainha. - Eu posso tirar meu medalhão e entregar isso.

O rei tirou um colar pesado de seu pescoço e levou-o para Jiri, levantando-o sobre a cabeça do filho e colocando-o no centro do peito. Jiri olhou para ele, sua mão virando para tocá-lo e derrubá-lo para que ele pudesse encará-lo e, em seguida, voltar para o pai.

- Pai! - Prez quase gritou antes que Jiri pudesse dizer qualquer coisa. - O que você está fazendo?

- Tem sido a tradição deste planeta, fornecer aos príncipes nutridoras para cuidar deles. De acordo com essa tradição, não tive o direito de dizer a nenhum de vocês como tratá-las ou o que fazer com elas. No entanto, tenho o direito de determinar qual de vocês ocuparia meu lugar como Rei, quando era hora de eu demitir-me e curtir o resto dos meus anos com minha esposa.

- Eu não entendo. - disse Jiri, levantando o medalhão no peito para que ele pudesse olhar para ele de novo.

- Sua mãe era minha nutridora - o Rei disse. - Eu admito que ela não era a primeira. Quando ela cuidou de mim, no entanto, mudei. Descobri o que significava, alguém realmente me alimentar, cuidar de mim e me fazer sentir como um todo. Eu me apaixonei por ela, e tive a sorte dela me amar em troca, independentemente de quem eu estivesse sido antes de me conhecer. Foi através dela que eu aprendi a ser o tipo de Rei que ela precisava. Sem ela, eu conhecia violência, guerra e controle, mas não entendi compaixão, proteção e vulnerabilidade. Tomei a decisão de não seguir o caminho de entregar o trono ao meu filho mais velho. Em vez disso, eu esperaria o filho que aprendesse a amar e ganhasse o amor de sua mulher

em troca. Isso aconteceu tão rápido para você, Jiri, que só pode haver uma explicação. Você voltou suas lembranças para ela.

- Sim. - respondeu Layla. - Ele me mostrou tudo, para que eu pudesse escolher.

Ela sentiu Jiri pegar sua mão, entrelaçando os dedos e dando um aperto.

- E qual é a sua escolha? - - perguntou a rainha.

- Eu o escolho. - respondeu Layla sem hesitação. - Não há nada no passado que me faça querer voltar. Eu escolho deixar tudo atrás de mim para que eu possa avançar com Jiri.

O rosto da rainha entrou em um sorriso e ela deu um passo à frente para levar as bochechas de Layla em suas mãos.

- Bem-vinda. - disse ela.

- Você não pode fazer isso. - grunhiu Prez.

- Posso fazer o que quiser. - disse o homem mais velho.

- Eu vivi minha vida profundamente envergonhado, do jeito que eu tratava as nutridoras que vieram antes de sua mãe. Quando fui feito rei, foi-me permitido casar com quem eu desejava, mas meu pai deixou bem claro que não podia alterar a tradição. Eu não poderia dizer aos meus filhos que eles não poderiam ter nutridoras ou como eles eram autorizados a tratá-las, por causa do que eu tinha feito. Este era o caminho, do nosso jeito, e por causa dos horrores que cometi, não tinha o direito de controlar o que qualquer um dos meus filhos fazia. Eu esperava que eu tivesse ensinado o suficiente aos meus filhos, para que você não repetisse os erros da minha juventude, mas eu prometi que se eu tivesse a chance, não permitiria que continuasse. Eu governaria o tempo que eu pudesse, aguardando para ver qual dos meus filhos realmente ganharia o direito de governar.

- Você permitiu que essas mulheres fossem torturadas. - disse Layla com raiva. - Você as roubou e tirou tudo o que as fez quem eles eram ...

O ex-rei virou-se e olhou para ela. Ela podia ver a dor em seus olhos escuros e ele assentiu.

- Eu não tinha escolha, Layla. Somos guerreiros. A maioria de nós nasce com tendências violentas. Eu entrei com as nutridoras, assim como meu pai tinha antes de mim. Eu não via nada de errado com isso, até eu conhecer Jessamine. Mas até lá não havia nada que eu pudesse fazer para a geração futura. Eles foram marcados pelos meus erros, pelo que eu fiz. Esse foi o castigo mais severo que eu poderia sofrer, observando como meus filhos carregavam a brutalidade da guerra em suas asas e traziam sofrimento às mulheres que escolheram. A única esperança que tive foi que um dos meus filhos não seguisse o mesmo caminho e que ele mudaria o futuro.

- Por que você não me contou? - Perguntou Jiri. - Quando eu pedi para ser lançado, por que você não me disse?

- Eu não poderia. - disse Eamon. - Eu não poderia interferir de forma alguma. Eu tinha que tratá-lo da mesma forma que eu tratava todos os meus filhos. O amor teve que vir naturalmente. A maneira como você tratasse sua nutridora, tinha que vir de algo dentro de você, e não o que foi dito para fazer. Você teve que passar pelo que todos nós fizemos para que você pudesse participar da decisão, você mesmo. Você já quebrou os laços e, ao fazê-lo, você ganhou seu lugar como Rei.

- E agora que eu sou o Rei. - disse Jiri. - Eu estou escolhendo terminar a tradição, rompendo isso, me trazendo para este lugar, liberando essas mulheres.

Ele fez um gesto para as nutridoras, ainda acorrentadas na parede, que olharam para ele com expressões de choque e maravilha em seus rostos. - E tendo elas retornadas para suas famílias. Agora é a lei desta terra que todos as nutridoras devem vir de bom grado e nunca devem ser maltratadas.

Prez ficou com raiva e saiu do quarto, o ex-rei e a rainha se fecharam atrás dele. Ambos se voltaram e sorriram para Layla e Jiri, logo antes de desaparecer do salão espelhado.

Layla virou-se e começou a liberar as correntes das outras mulheres. Jiri ajudou e logo elas estavam de pé e se abraçando, seus soluços agora de alegria e alívio, em vez de terror e dor.

- Eu vou ter um guarda ajudando vocês a guardar suas coisas e levá-las para casa, se você quiserem ir. - Jiri disse suavemente e todas as mulheres assentiram e atravessaram a sala para as portas, que Layla assumiu que levavam às alas pertencentes aos seus ex-príncipes e para os seus quartos.

Quando finalmente estavam sozinhos, Layla virou-se para Jiri e guiou-o para que suas costas a encarassem.

Ela tocou as gemas roxas.

- Sylan me disse que elas expressam emoções e pensamentos.

- Elas fazem.

- O que significa roxo?

- Amor. - ele disse a ela.

Layla sorriu e beijou ao longo do V das pedras, deixando sua língua escorregar para esmaltar a pele. As pedras em suas costas mudaram, voltando para o verde intenso que tinha visto com tanta frequência

- O que significa verde? - ela perguntou.

Jiri virou-se e juntou-a em seus braços, puxando-a contra ele para que ela pudesse sentir o endurecimento de sua ereção contra sua barriga.

- Desejo. - ele sussurrou.

Sua boca se aproximou da dela e Layla inclinou a cabeça para poder capturar seus lábios, finalmente atraindo-a para um beijo que conectou suas almas e trouxe seu corpo de volta a sua necessidade dolorosa.

Ele a abaixou cuidadosamente para o chão e ela sentiu que ele levantava os braços para que ele pudesse devolvê-los as correntes. Layla começou a protestar, mas ele olhou para ela com uma expressão maliciosa e aliviou as coxas dela, movendo o manto para que ela estivesse aberta para ele.

Jiri inclinou a cabeça e passou a língua pelas suas dobras. Layla ofegou e lutou contra as correntes, sabendo agora por que a colocou de volta em seus grilhões.

Ele queria aproveitá-la sem permitir que ela o tocasse, colocando-a a sua mercê para que ele pudesse controlar o prazer que ele dava a ela. Ele continuou seu tormento magistral por alguns momentos e então Layla sentiu sua língua mergulhar em seu corpo.

Ela gritou seu nome e ergueu os quadris para que eles pressionassem mais forte contra sua boca, enviando-a para um clímax ainda mais intenso do que aquele que tinha experimentado nas suas mãos antes.

Quando ela desceu do delírio, Jiri inclinou-se para a frente e beijou-a novamente, suavemente, desta vez enquanto gemeu e tentou recuperar o fôlego.

Ele soltou as mãos e pegou-a em seus braços, Colocando-a contra o peito enquanto ele se dirigia para a porta da ala. Algo lhe disse que isso não acabou, mas, por enquanto, queria concentrar-se apenas no Jiri e na nova liberdade que eles podiam desfrutar juntos.

Ela sabia que não iria voltar para o quarto dela. Ele a levaria para onde ele dormia e ali eles compartilhariam suas vidas juntos, entregando-se e alimentando-se sempre. E nunca mais pensaria em correr.

Continua em Rise of The
Alien King

